EDITORIAL

A economia de mercado é hoje o paradigma consagrado nas sociedades mais desenvolvidas. Apontam-se-lhe as virtudes, mas, ao mesmo tempo, apela-se à solidariedade, o que parece contraditório. A virtude do modelo dispensaria esse apelo, se a solidariedade fosse uma sua característica. Mas haverá, pelo menos, compatibilidade entre uma sociedade regulada pela lógica de mercado e uma sociedade assente no princípio ético da solidariedade, isto é, estes dois modelos de sociedade podem coexistir? Bom seria que a resposta a esta pergunta fosse assertiva porque confirmada pela experiência.

O que a experiência nos diz, porém, é que a lógica de mercado assenta no princípio da competitividade, condição essencial de êxito aos que beneficiam de circunstâncias especiais que nem sempre correspondem a valor intrínseco e esforço pessoal e não no princípio da igualdade de oportunidades para todos conforme as suas capacidades. Numa competição desportiva nunca foi campeão quem ajudou o adversário a vencer as dificuldades da prova em disputa. O mesmo acontece na economia de mercado. As grandes empresas têm como meta o crescimento contínuo do volume de negócios e dos lucros; daí resulta a concentração da economia em empresas gigantescas que não conhecem fronteiras territoriais e asfixiam as pequenas e as médias empresas. É uma economia dependente de fluxos financeiros que, progressivamente, proletariza quase toda a humanidade. Uma pequeníssima minoria domina o mundo e submete-o aos seus interesses. Aparentemente, para bem da humanidade porque garante a produção de riqueza. Na realidade, ela não é distribuída com justiça: contempla com generosidade escandalosa a classe dos administradores e accionistas e não valoriza o trabalho na devida proporção. E, no entanto, o trabalho exige, hoje, qualificação a quem o executa. Qualificação essa que se adquire com um investimento bem mais valioso que o financeiro – o das capacidades individuais. O homem vale mais que o dinheiro.

O que acontece com as pequenas e médias empresas e com as pessoas face às grandes empresas acontece igualmente com os países pobres face aos mais desenvolvidos: tendo-se endividado acima das suas capacidades, para saldarem as suas dívidas, os credores tratam-nos com dureza, não negando-lhes empréstimos de dinheiro, mas, impiedosa e cruelmente, aumentando-lhes os juros, tornando impossível a sua saída da crise. Assim ganham de duas maneiras: vendem-lhes, primeiro, o que eles não produzem, e aí não avaliam a sua capacidade de aquisição, endividam-nos, e, depois, com o lucro obtido, emprestam-lhes dinheiro para pagarem a dívida. A lógica da solidariedade seria a do empréstimo a juros mais baixos, embora garantindo o retorno. O que vigora, porém, é a lógica de mercado que consiste em especular, beneficiando das circunstâncias de extrema dificuldade em que vivem. Assim, os países mais desenvolvidos esmagam e engolem os países pobres, usando uma

(continuação na página 3)

Sumário

1 - Editorial
- Dr. António Amorim

4 - QREN financia Unidade de Cuidados Continuados Integrados
- Dr. António Amorim

5 - Consultas a Tempo e Horas (CTH)
- Dr. António Amorim

7 - Novo Equipamento Social - Refeitório / Cantina Social e Centro de Alojamento Temporário
- Dr.ª Lara Santos

8 - Festa de Solidariedade

11 - Um Outro Olhar 2011 - "A Magia dos Abraços"
- Dr. Sérgio Pinto

12 - Balanço do Atelier de Restauro
- Dr.ª Ana Ferreira / Dr.ª Lara Santos

14 - Mais um passo na Qualidade
- Dr.ª Odete Cunha

17 - I Fórum da Segurança na Misericórdia de Vila do Conde
- Dr.ª Lara Santos

20 - Visita às Instalações da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde
- Alunos do 5ºB da Escola E/B 2/3 da Junqueira - Dr. Carlos Pinto Ferreira

21 - 14º Rally Paper
- Dr.ª Lara Santos

23 - Do Arquivo
a - Roque Vaz
b - Semana da Misericórdia
- Dr. Firmino Abel da Silva Couto

26 - Congresso Nacional das Misericórdias Portuguesas
- Dr. António Amorim

44 - A importância da economia social na promoção do desenvolvimento sustentado - algumas reflexões
- Dr. Eduardo Graça (Presidente da CASES)

49 - Atividades dos Equipamentos Sociais
a - Atividades do Lar de Terceira Idade
b - Atividades do CARPD em Touguinha
c - Atividades da Casa da Criança
d - Atividades do Centro Social em Macieira
e - Atividades do Centro Rainha Dona Leonor

REVISTA SEMESTRAL
ANO XVII - Nº 34
SETEMBRO/2011

Capa:
Escultor SOUSA PEREIRA

Propriedade:
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA DO CONDE

Diretor:
ANTÓNIO AUGUSTO GOMES AMORIM

Direção e Administração:
RUA RAINHA DONA LEONOR Nº 123
4480-247 VILA DO CONDE

Execução gráfica:
NORPRINT, Artes Gráficas, S.A.
Zona Industrial Alto da Cruz - Fontiscos - Apt.: 172
4780-583 Santo Tirso
Emai: norprint@norprint.pt

Tiragem : 1000 exemplares

EDITORIAL

(continuação da página 1)

estratégia imperialista dentro das regras de mercado que fica sempre muito mais barato que a da guerra.
A situação a que chegámos deve-se, em grande parte, à globalização da economia que permite a livre circulação de mercadorias e de capitais.
Pergunta-se: Será totalmente condenável a economia de mercado? Não será necessariamente, mas terá que haver quem regule a acção dos agentes económicos todo-poderosos que, até aqui, têm tido um poder que ultrapassa e domina o poder político, que não respeita as regras democráticas, que procura lucros fáceis, que concentra a riqueza, que acentua as desigualdades sociais.
Tudo isto está na origem da necessidade imperiosa da solidariedade para com os que não podem partilhar da riqueza produzida porque não têm trabalho ou porque o seu trabalho é precário e/ou mal pago.
Haja menos riqueza, mas seja mais bem distribuída, haja menos liberdade, mas haja mais justiça para que tenhamos um mundo mais harmonizado. E para isso é preciso que seja o poder político a controlar o poder económico, obrigando a economia de mercado a girar, pelo menos, dentro da órbita da justiça já que sujeitá-la à lógica da solidariedade seria contrariar a sua própria lógica.

António Amorim

QREN comparticipa financeiramente uma Unidade de Cuidados Continuados Integrados a instalar em Vila do Conde

O prolongamento da vida das pessoas criou novos problemas nas áreas de saúde e social. É cada vez maior o número de pessoas que sofre de doenças geradoras de dependências como a Demência e a Alzheimer, que exigem cuidados especiais. Não são doenças que devam ser tratadas em hospitais normais, pois requerem um acompanhamento contínuo de pessoas especializadas e os seus custos de manutenção são muito menores quando tratados em equipamentos devidamente preparados para o efeito. Atento a esta realidade social e de saúde a Misericórdia de Vila do Conde aceitou o desafio do Governo em 2006 e colaborou desde então numa experiência piloto instalando uma "Unidade de Cuidados Continuados Integrados" com 40 camas. O resultado desta experiencia, a nível nacional e a nível local, foi francamente positivo pecando apenas pelo reduzido número de camas que nesta primeira fase foram construídas.

Da esquerda para a direita - Eng.º Arlindo Maia, Eng.º Carlos Duarte e Dr. Delfim Maia. Ato de assinatura do protocolo.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde atenta ao bom resultado da experiência piloto, e à necessidade de maior numero de respostas deliberou construir em Vila do Conde um edifício preparado de raiz para o efeito tendo como objetivo principal ampliar o numero de camas disponíveis para atendimento das pessoas que precisam de tratamento.

Neste momento a Misericórdia de Vila do Conde tem um projeto devidamente aprovado com a capacidade de 57 camas. Para a sua construção obteve o apoio do QREN (Quadro de Referencia Estratégica Nacional) tendo para o efeito outorgado um protocolo no dia 19 de Julho último. Este protocolo foi assinado na Santa Casa da misericórdia de Vila do Conde pelo Exmo. Sr. Eng. Carlos Duarte, vogal executivo da Autoridade de Gestão do Programa Operacional Regional Norte (ON.2), que em representação do QREN, nos deu a subida honra de se deslocar a Vila do Conde para o efeito.

Está previsto um custo para a execução da obra de 4 milhões e quinhentos mil euros que será financiado em 70% pela referida. O prazo para a construção deste novo edifício é de dois anos e destinar-se-á exclusivamente ao serviço de «Cuidados Continuados Integrados», nas valências de "convalescença" e "longa duração e manutenção" para atender especialmente às pessoas de Vila do Conde e concelhos vizinhos.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde procura desta forma afirmar-se, cada vez mais, na área da saúde e da segurança social, com respostas dirigidas às pessoas carenciadas de ajuda para a resolução dos seus problemas.

António Amorim

Consultas a Tempo e Horas

Reconhecendo o Ministério da Saúde existirem insuficiências do Serviço Nacional de Saúde ao nível do acesso à primeira consulta hospitalar, tomou medidas de regulação, normalização e controlo a fim de "uma monitorização eficaz de capacidade de resposta das instituições hospitalares do Serviço Nacional de Saúde". Fê-lo através da Portaria nº 615/2008 de 11 de Julho que estabeleceu as regras do Sistema Integrado de Referenciação e de Gestão do Acesso à Primeira Consulta de Especialidade.

Esta iniciativa foi designada por "Consulta a Tempo e Horas (CTH)" e inscrita como medida SIMPLEX em 2006 e nas Grandes Opções do Plano em 2008. Consiste "num sistema eletrónico de referenciação dos pedidos de primeira consulta de especialidade hospitalar no Serviço Nacional de Saúde, efetuados pelo médico assistente dos utentes. Contém informação respeitante aos pedidos desde o momento da sua inserção no sistema eletrónico pelo médico assistente até à sua conclusão, permitindo avaliar a procura e a resposta nas várias especialidades bem como o tempo de acesso às consultas". A CTH pretende, de uma maneira geral, melhorar o serviço prestado ao cidadão, criando regras próprias, com "garantia de transparência e uniformidade de critérios" e permitir uma melhor gestão de acesso à primeira consulta.

São seus objetivos específicos:

- Facilitar o acesso dos cidadãos à primeira consulta de especialidade hospitalar, tratando de igual modo todos os utentes na marcação da consulta;
- Informar os cidadãos com transparência, sobre o estado do pedido de consulta e o tempo de resposta do hospital;
- Conhecer o tempo da resposta em todos os hospitais, por especialidade;
- Envolver os hospitais e as unidades de cuidados de saúde primários na melhoria de capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde, aumentando a eficácia e eficiência na prestação de cuidados.

No âmbito deste projeto "CTH", a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde assinou, em 29 de Março deste ano, um acordo de cooperação com a Administração Regional de Saúde do Norte que consiste na prestação de cuidados de saúde aos utentes do Serviço Nacional de Saúde inscritos nos Agrupamentos de Centros de Saúde de Famalicão, Póvoa de Varzim/Vila do Conde, Maia, Santo Tirso/Trofa nas seguintes especialidades:

- Cirurgia (internamento e ambulatório), nas especialidades de Cirurgia Vascular, Oftalmologia e Ortopedia;
- Consulta externa realizada por médico das especialidades de Cirurgia Vascular, Oftalmologia e Ortopedia;
- Tratamentos de Medicina Física e Reabilitação;
- Outros meios complementares de diagnóstico e terapêutica.

Neste protocolo fooram apenas atribuidas à Instituição 354 primeiras consultas de especialidade, 130 consultas subsequentes e uma verba de 106.663,00€ para internamento e cirurgias de ambulatório.

António Amorim

Novo Equipamento Social – Refeitório/Cantina Social e Centro de Alojamento Temporário

Em 2006 foi realizado um estudo social, em Vila do Conde, através do qual foram detetados alguns problemas pertinentes, suas causas e possíveis métodos de resolução.

De entre os vários problemas destacam-se as pessoas "sem-abrigo" que, por motivos diversos, sejam eles situações graves de carência, ruturas familiares/conjugais, problemas de saúde, desemprego e/ou falta de alojamento foram confrontados com uma dura realidade.

No sentido de ajudar a colmatar o referido problema, a Instituição criou, numa primeira fase, um serviço de distribuição diária (incluindo sábados e domingos) de refeições confecionadas com uma perspetiva de ampliação futura.

Atualmente, e visto as solicitações diárias de apoio serem crescentes, há uma necessidade urgente de criar uma resposta social que garanta a alimentação à população mais carenciada, promova os seus hábitos de higiene e sinalize situações de pobreza extrema e exclusão social.

O conceito "Refeitório/Cantina Social" é aquele que melhor se adequa ao problema em causa visto ser uma "resposta social desenvolvida em equipamento, destinada ao fornecimento de refeições a indivíduos economicamente desfavorecidos, devendo integrar outras atividades, nomeadamente higiene pessoal e tratamento de roupas" in http://www.1.seg-social.pt/left.asp?03.06.05.01.

Para o efeito em abril de 2010 a Mesa Administrativa desta Santa Casa deliberou a compra de um imóvel, na Travessa Joaquim Maria de Melo, na "zona histórica de Vila do Conde", que reúne as condições físicas e estruturais necessárias para o efeito. Tratam-se de dois prédios urbanos, compostos por rés do chão, dois andares e torreão, com 273m2 de área coberta e 850m2 de área de construção, situados na Rua de São Bento.

Este edifício está previsto para fornecer 58 refeições em conjunto. Para além disso, serão construídos 12 quartos com banho privativo para alojamento temporário de pessoas carenciadas.

Lara Santos

Planta da Fachada do Edifício do futuro Equipamento Social

Rotary Club de Vila do Conde em "Festa de Solidariedade" na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde

Da esquerda para a direita, o Prof. Doutor Rui Medeiros (Diretor e Representante da Liga Portuguesa Contra o Cancro), o Prof. Doutor Flávio Ferreira (Presidente da ESEIG), o Dr. Armindo Carolino, Governador do Distrito 1970 (representante do Rotary Internacional), o Dr. Emílio Monteiro (Presidente do Rotary Clube de Vila do Conde), o Prof. Dr. J. Pinto da Costa (Palestrante) e o Eng.º Arlindo Maia (Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde).

Em 17 de Junho, à noite, por iniciativa do Rotary Club de Vila do Conde, teve lugar no Auditório da Santa Casa da Misericórdia da nossa cidade, uma verdadeira "FESTA DE SOLIDARIEDADE" que contou com uma boa assistência e as presenças de algumas personalidades.

Tudo começou com a apresentação de uma peça teatral levada à cena por um grupo de "actores e actrizes" oriundos do Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas Deficientes, em Touguinha, subordinada ao tema "MAGIA DOS ABRAÇOS", que enterneceu todos os presentes e serviu de mote para o desenrolar da sessão (ver artigo seguinte).

Depois, houve um momento dedicado ao movimento rotário com uma breve intervenção do Presidente do Rotary Club de Vila do Conde e a exibição de um documentário sobre o combate à poliomielite na Índia, que se insere num projecto levado a cabo pelo Rotary a nível planetário, como demonstração do bem-fazer pelo mundo, em prol da paz e compreensão mundial.

Seguiu-se um momento especial em que o Rotary Club de Vila do Conde concretizou mais uma acção identitária do seu ideal de servir, como se pode constatar pelo que foi dito e feito pelo presidente Emílio Monteiro:

"Ninguém é obrigado a ser solidário, somos porque queremos ser, e não por obrigação. E nós, como voluntários em Rotary, somos solidários, porque ajudamos a ajudar sem pedir nada em troca. Por isso e para tanto, como rotários que somos, temos sempre em mente um dos nossos principais lemas que norteiam as nossas acções, ou seja, dar de si antes de pensar em si! Ajudamos a Liga Portuguesa Contra o Cancro na angariação de fundos, através do seu peditório de rua feito anualmente no nosso concelho. Depois, com o valor que nos foi por ela outorgado nos termos protocolares entre nós estabelecido, vamos agora ajudar esta Santa Casa na compra de um equipamento electrocirúrgico para ser empregue na luta contra o cancro. Desta forma, o Rotary International através do Rotary Club de Vila do Conde mostra que o Rotary se interessa pelo bem-fazer no mundo do qual faz parte a nossa comunidade, contribuindo, assim, para que se mantenha viva a chama da solidariedade no seio da nossa sociedade. Para o efeito, tenho o privilégio de, em nome do Rotary Club de Vila do Conde fazer a entrega de um cheque no valor de 3.130 euros, a favor desta Santa Casa, na pessoa do seu ilustre Provedor, o Senhor Eng. Arlindo Maia".

Para além de manifestar o seu agradecimento, o Eng. Arlindo Maia teceu várias considerações sobre a Santa Casa e as suas relações com o Rotary, pois são duas instituições que alinham as suas actividades pelo mesmo diapasão em prol do bem-fazer e do bem-estar da comunidade em que ambas estão inseridas, demonstrando-se, assim, que a solidariedade existe e se pratica em Vila do Conde.

E para gáudio da plateia aconteceu uma verdadeira "lição de vida" com a intervenção do Prof. Doutor Pinto da Costa na brilhante abordagem que fez ao tema "Espírito de Solidariedade". Com a sua sapiência e experiência de vida, deliciou tudo e todos com a sua eloquência e abrangência multifacetada na magnífica exposição temática que apresentou.

As suas palavras doutas fizeram sentir à assistência que a solidariedade não se expressa apenas com atitudes ocasionais; tem de haver um sentimento sempre presente em todos os atos da vida humana. O que se expressa em atos ocasionais não tem verdadeira autenticidade. O que tem de haver no homem, em todos os homens, é espírito de solidariedade e esse é que é preciso recuperá-lo.

Referindo-se a quem tem direito a essa solidariedade, se são os ricos, os pobres, os altos, os baixos, resolveu a questão estendendo-a à universalidade dos homens – a solidariedade deve ser para todos.

Afirmou ainda que a solidariedade passa pelo voluntariado, mas que não são apenas os doentes que merecem a nossa solidariedade; todos a merecem e todos dela precisam.

Defendeu ainda que a solidariedade é transversal a todas as culturas. E, a propósito do apoio do Rotary Internacional no combate à poliomielite na Índia, apontou este país como um mau exemplo no que diz respeito a solidariedade, pois há gente imensamente rica e gente miserável.

Pôs também em dúvida alguns gestos de solidariedade. Por exemplo, ser solidário com um doente em fase terminal, quando foi mal tratado toda a vida. E, às vezes – disse – a solidariedade é bem barata: basta um olhar, uma presença, um carinho.

Abordou ainda a ideia da eutanásia, condenando a eutanásia não voluntária e considerou um perigo a sua concretização, por haver pessoas que, depois de vários anos em coma, recuperam. Ilustrou, como exemplo desse perigo, o seu caso: A sua mãe fora aconselhada a abortar, durante a gravidez porque, segundo a ciência da época, o parto seria problemático. Corajosa, não aceitou o conselho e foi ele o fruto dessa gravidez.

Referindo-se a diferentes conceitos de solidariedade, citou vários autores portugueses e um brasileiro: Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Afrânio Peixoto.

Para terminar e como estratégia pedagógica, disse que é preciso lembrar aos jovens que, se não morrerem de cancro ou de desastre, vão um dia ser idosos. Talvez essa realidade os leve a ser solidários para com os idosos para um dia também virem a ser bem tratados.

Foi uma bela lição sobre solidariedade, dita com algum humor, que todos ouviram com muito interesse.

O representante da Liga Portuguesa Contra o Cancro, Prof. Doutor Rui Medeiros, manifestou o seu regozijo em testemunhar o acto nobre do Rotary Club de Vila do Conde em ter aplicado da melhor forma a verba que lhe foi outorgada pela Liga nos termos do protocolo fixado entre as duas instituições, comparticipando na aquisição, pela Santa Casa, de um novo equipamento a utilizar em oncologia.

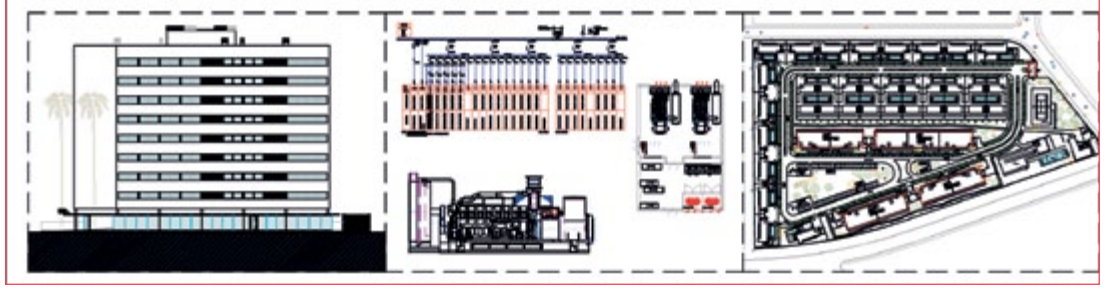
A terminar, o Governador do Distrito Rotário 1970 manifestou também o seu conten-

tamento em ter-lhe sido possível participar nesta feliz iniciativa do Rotary Club de Vila do Conde, que se constituiu numa verdadeira festa solidária, desde o princípio ao fim, e onde se falou e praticou solidariedade. Foi uma demonstração magnífica do que de bom o Rotary bem faz. E depois, a surpresa da noite: o Governador Armindo Carolino expressou ainda publicamente o reconhecimento do Rotary International ao Rotary Club de Vila do Conde, na pessoa do seu Presidente, o Companheiro Emílio Monteiro, pelos esforços desenvolvidos na divulgação e imagem do movimento rotário, como, aliás, neste evento, ficou amplamente demonstrado. E como prova de tal reconhecimento fez a entrega do competente diploma, acrescentando que entre 87 clubes do distrito apenas 4 foram assim contemplados. Por isso, o Rotary Club de Vila do Conde está de parabéns!

Gabiprojel
gabinete de projectos de electricidade, lda
praceta da nortecoope, 40D | 4470-094 Maia | Portugal
telf.: (+351) 22 9478110/8 | fax: (+351) 22 9478119
email: gabiprojel@net.novis.pt

a projectar desde 1985

- Instalações e equipamentos eléctricos em B.T. e M.T.
- Infra-estruturas de Telecomunicações
- Segurança Contra Incêndios
- Gestão Técnica
- Redes de Gás
- Acompanhamento / Fiscalização de Obras
- AVAC
- Auditorias Energéticas



Um Outro Olhar 2011 - "A Magia dos Abraços"

No dia 20 de Maio, teve lugar no Auditório Municipal, a 9ª edição do espetáculo UM OUTRO OLHAR. Este projeto tem como objetivo sensibilizar a comunidade para a área da deficiência, convidando a um olhar assertivo e comprometido. São levados a palco números livres por algumas Instituições, nomeadamente, pelo Madi de Vila do Conde, pelo Madi de Vila do Conde, por dois agrupamentos de escolas E.B. 2,3 de Vila do conde (de forma rotativa) e pelo nosso **Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência**, em Touguinha.

Temos levado a palco peças originais, concebidas pelos nossos profissionais, e os utentes divertem-se sempre imenso. Como habitualmente, eram muitas as ideias e sugestões para o tema deste ano. Acabámos por decidir criar um musical que de algum modo retratasse o Ano Europeu do Voluntariado e o tema, bem sugestivo, que a Equipa D.A.P. de Vila do Conde (Deficiência, Abordagem Plurinstitucional), escolheu para este ano: "**Abraçar a Diferença"**.

A partir daí, as ideias foram-se complementando, resultando num musical dinâmico, alegre e muito sentido, intitulado: "A Magia dos Abraços". Na verdade, quando, por vezes, as crises financeiras e sociais aumentam, e as dificuldades começam a ser comprometedoras, eis que vem ao de cima a interajuda e a solidariedade entre as pessoas! Hoje há tantos que, de forma desinteressada, oferecem o seu tempo, os seus conhecimentos, oferecem mil abraços de apoio, numa cidadania ativa, ao serviço das pessoas, das famílias e da comunidade. E os seus gestos contribuem, decisivamente, para a melhoria da qualidade de vida das populações. E estes abraços fazem toda a diferença. Foi com este propósito que o Centro de Apoio e Reabilitação, em Touguinha, levou a palco este musical, em homenagem a tantas pessoas que oferecem um bocadinho de si aos outros… e abraçam, abraçam, simplesmente, sem esperar nada mais! Que bons são esses abraços!

Os nossos atores entregaram-se com empenho durante os ensaios: foram algumas semanas de trabalho árduo, muitos sacrifícios, mas acima de tudo muitos sorrisos alcançados por uma vontade de fazer sempre mais e melhor. A expectativa para a chegada do grande dia também era grande, até porque para muitos seria a primeira vez que pisavam o palco; mas a atuação correspondeu na medida perfeita; foram todos brilhantes e tocaram o coração da plateia que, na maioria, deixou correr uma lágrima no canto do olho, tão sensibilizados ficaram. Na verdade, quantas vezes um abraço amigo é apenas o que precisamos para que tudo se transforme, como que por magia! "Dá-me um abraço, fica por perto…" e eu terei forças para continuar!

Eis o elenco dos atores deste musical:

Pedro José, João Paulo Silva, Sílvia Costa, Salete Oliveira, Jorge Ferreira, Elisa Ferreira, Fátima Hora, Fátima Lopes, Elisabete Gomes, Elisabete Fonseca, Manuel Carvalho, Pedro Magalhães, Verónica Venâncio, Eugénia Monteiro, João Ferradeira, Duarte Pereira, Cândida Manuela, Raquel Marisa, Miguel Macedo, Maria da Saúde, Maria Gomes, Bruno Magalhães e Andreia Alves.

Sérgio Pinto

Cenas da peça "A Magia dos Abraços"

Balanço do Atelier de Restauro
Rostos de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde

O Atelier de Restauro *"Rostos e Memórias da Misericórdia de Vila do Conde"* que a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em colaboração com a Signinum têm vindo a dinamizar, tem sido alvo de referência há já algumas edições nesta revista. Na presente edição, pretende-se fazer o balanço do trabalho de um atelier de conservação e restauro que se encontrou disponível para visita da comunidade e o feedback obtido através desse contacto com esse mesmo público.

Neste momento, o Atelier encontra-se encerrado a visitas, uma vez que o tipo de trabalhos que está a ser concluído não permite compatibilizar as duas situações.

Por outro lado, **está prevista, para o final do ano, uma exposição de todos os trabalhos**, que foram realizados por todos quantos tiveram a oportunidade de visitar as instalações do atelier e também poderão visualizar a obra depois de concluída.

Segundo os técnicos "foi uma experiência muito desafiante e motivadora", uma vez que uma intervenção é normalmente realizada a portas fechadas e neste caso a abertura dos trabalhos ao público, principalmente ao público escolar, obrigou a uma atenção especial com o espaço e com os tratamentos a efectuar. Nesse sentido, os tratamentos tiveram sempre em conta as visitas e foram por isso realizados de acordo com duas condições essenciais a um espaço aberto ao público: por um lado, garantir que não se realizassem visitas em momentos em que os tratamentos implicassem a utilização de produtos nocivos à saúde dos visitantes; e por outro, garantir que os visitantes tivessem sempre peças ou pormenores dos tratamentos com interesse para os motivar a observar os trabalhos e peças em questão.

De salientar também que "foi também muito importante receber o feedback dos espectadores relativamente ao trabalho. A abertura do atelier ao público possibilitou-nos ter uma percepção do que pensam as pessoas que estão "do lado de fora" sobre o trabalho desenvolvido por nós, através de questões colocadas e da troca de ideias. Este facto é de extrema importância para alargar a nossa visão em relação às expectativas do público."

Do ponto de vista e pelo feedback que fizeram questão de transmitir "pensamos ter sido uma experiência enriquecedora". A esse nível, salientamos a importância da visita ter duas componentes: primeiro, a visita à Igreja e segundo, o contacto com o projecto Rostos e Memórias propriamente dito.

De realçar que foram muitos os visitantes que entraram pela primeira vez na Igreja da Misericórdia e outros, que já a conheciam, observaram-na numa perspectiva diferente da que estavam habituados. Foi também importante a oportunidade de constatar in loco a intervenção e os procedimentos que fazem parte do tipo de trabalho realizado e, ao mesmo tempo, esclarecer algumas dúvidas. Trata-se de um trabalho sobre o qual as pessoas, de um modo geral, não têm grande conhecimento o que incitou a curiosidade e o interesse da parte dos visitantes.

Destaca-se que, num caso ou noutro, houve alguma dificuldade, por parte dos visitantes, em separar a componente religiosa da componente material, ou seja, as questões de índole religiosa levaram a perceber que, naquele contexto, não estavam a entender a arte sacra/religiosa como matéria.

De um modo geral, os jovens que tiveram oportunidade de visitar a Igreja da Misericórdia durante o projecto Rostos e Memórias adquiriram conhecimentos que não tinham e foram despertados para as noções de património histórico e sua preservação. Nesse sentido, ficaram mais sensíveis com o objectivo de se tornarem agentes de preservação do património histórico. Por outro lado, esta actividade ajudou a fomentar o gosto pela visita a espaços culturais.

Em suma, e do ponto de vista numérico, pode dizer-se que o resultado foi muito positivo, uma vez que este projeto uniu a pedagogia ao lazer, através das actividades lúdicas, e contribuiu para fomentar na população o gosto pela arte e sensibilizar para a importância da sua salvaguarda e preservação deste tipo de património que tiveram a oportunidade de conhecer, tanto no aspeto histórico como material: neste caso concreto o rico e valioso património que a Misericórdia de Vila do Conde possui.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde agradece à Signinum toda a colaboração que deu nesta iniciativa. Fica também um agradecimento especial a todos quantos se disponibilizaram a conhecer e visitar o atelier e a Igreja da Misericórdia contribuindo também numericamente para a considerável soma de mais de 4 centenas de pessoas que passaram pelo espaço recreado para o efeito. Preservem, conservem e admirem as peças de arte!

Ana Ferreira / Lara Santos

Algumas das pessoas que fizeram questão de visitar o Atelier : membros do Rotary Club de Vila do Conde (em cima à esquerda), Dr. Mariano Cabaço do Gabinete do Património Cultural da UMP (em cima à direita) e um grupo de professores da Escola E.B. 2/3 Frei João

Mais um passo na qualidade

A Qualidade acompanha a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde há já 500 anos, pois sempre foi entendida como ferramenta primordial para o desenvolvimento sustentável. A Instituição cresceu e desenvolveu-se, num ciclo de melhoria contínua da qualidade, tentando adaptar-se sempre às necessidades e aproveitar as oportunidades, geradoras de sucesso na melhoria da qualidade dos serviços prestados aos seus Utentes. Por isso, está neste momento a trabalhar no projeto EQUASS Assurance Promove com o objetivo de obter certificação da qualidade nos serviços sociais, mais concretamente, no âmbito da resposta a pessoas com deficiência.

A Certificação da Qualidade dos Serviços Sociais pelo EQUASS Assurance permite o acesso a um sistema de garantia e controlo da qualidade, que possibilita às organizações encetarem um processo de certificação externo, de reconhecimento a nível europeu, através do qual atestam a qualidade dos seus serviços junto de clientes e outras partes interessadas.

Assim sendo, surgiu à Instituição a oportunidade de se integrar no projeto EQUASS, uma referência a nível internacional, na área das pessoas com deficiência, para continuar o seu ciclo de melhoria contínua.

Esse referencial irá valorizar o trabalho já desempenhado pelos profissionais, pois dará um feedback fidedigno e certificado por entidade independente do trabalho diariamente desenvolvido com os utentes. Servirá assim para aferir e medir a qualidade do serviço prestado, funcionando também como mais um marco de confiança para os cuidadores informais e ou "outros significativos" que confiam à Instituição o zelo pelas vidas dos seus entes mais queridos.

Ao ingressar no referido projeto, a Misericórdia de Vila do Conde tinha a clara noção de que havia ainda um longo caminho a percorrer com algumas práticas a melhorar e outras a implementar. Para colaborar neste projeto a Instituição escolheu a XZ Consultores, dado o seu grande know-How demonstrado, com resultados comprovados.

Com uma entidade consultora com profissionais qualificados e experiente a acompanhar o processo, o caminho será mais desafiante e seguro. Só assim, a Instituição, nomeadamente o Centro de Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha, terá, com base num referencial certificado, noção do seu posicionamento no que respeita à qualidade, situando assim as suas práticas de elevado padrão de exigência na área da deficiência, potencializando de forma sustentável os recursos existentes.

A Misericórdia de Vila do Conde submeteu-se a este desafio, pois tem como objetivo continuar a dar o melhor aos seus utentes e continuar a reger-se por princípios de transparência e profissionalismo, servindo-se para este efeito do potencial do EQUASS. Assim, pretende-se continuar a aprofundar todas as potencialidades, maximizando-as com a adoção de práticas o mais universais e eficientes possíveis, com o grande objetivo de ser socialmente uma referência na qualidade dos serviços prestados.

Este processo vai também contribuir para ampliar a abertura à comunidade envolvente, assegurando uma comunicação ativa e bilateral, proporcionando parcerias que possibilitam um melhor funcionamento de toda a estrutura organizacional, com benefícios claros para os utentes.

Trata-se de uma estratégia de apoio ao desenvolvimento dos serviços sociais, reforçando o comprometimento da Misericórdia de Vila do Conde com a qualidade e a melhoria contínua e garantindo às partes interessadas, a qualidade dos serviços prestados.

Odete Cunha

Nº 34 - SETEMBRO / 2011

Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha

I Fórum da Segurança na Misericórdia de Vila do Conde

A Misericórdia de Vila do Conde realizou nos dias 27 e 28 de abril o I Fórum da Segurança, para comemorar o dia Mundial da Segurança no Trabalho. Este Fórum teve lugar no edifício da Casa da Criança. Foram organizados vários workshop´s de simulação e aprendizagem alusivos ao tema "Segurança no Trabalho". No dia 28 de abril e para encerrar os dois dias de atividades, realizou-se um simulacro parcial de situação de incêndio no edifício da Casa da Criança.

Esta iniciativa surgiu com o amadurecimento do Departamento de Qualidade e Segurança e com a necessidade crescente de sensibilizar os colaboradores da Instituição, de forma simples e divertida, para perigos e riscos decorrentes do dia-a-dia, tentando assim minimizar a ocorrência de acidentes de trabalho.

O Fórum foi desenvolvido e organizado tendo em conta várias atividades: foram formados grupos de colaboradores por atividades semelhantes, com o objetivo de simular situações muito próximas do real e com que os colaboradores já estivessem familiarizados. Iniciaram-se as atividades com uma breve apresentação dos acidentes de trabalho decorridos na Instituição desde 2009, com ênfase nos dias perdidos e nas consequências nefastas, quer para os colaboradores quer para a Instituição. Esta apresentação, assim como todo o Fórum, foi delineado e conduzido pela Dr.ª Odete Cunha, Responsável pelo Departamento de Qualidade e de Higiene e Segurança no Trabalho.

Numa fase seguinte, os colaboradores foram convidados a percorrer uma ampla sala, com

Receção aos participantes

corredores e divisões metodicamente preparados, e a vivenciar cada um dos cantinhos da Segurança. Assim e numa primeira abordagem, todos os colaboradores tiveram contacto com uma parede repleta de fotografias (2009-2011) alusivas a formação de Combate a incêndios realizada pelos colaboradores nas instalações dos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde. Aqui, alguns puderam recordar os momentos e a aprendizagem que tiveram, enquanto outros puderam conhecer aquilo que já se vai fazendo em matéria de formação em combate a incêndios.

Numa outra etapa, no "cantinho das notícias", os colaboradores tiveram a oportunidade de conhecer notícias recentes (2010-2011) de acidentes noticiados, decorrentes em outras Instituições que prestam o mesmo tipo de serviço. O objetivo deste espaço foi sensibilizar, de forma real, para as consequências dos perigos existentes todos os dias.De seguida, os colaboradores foram convidados a participar nos workshop´s. Aqui, tiveram a oportunidade de vivenciar as várias situações de perigo e consequente risco do dia-a-dia e aperceberem-se de erros cometidos inconscientemente e das graves conse -quências que desses atos podem resultar.

Os workshop´s tentaram representar alguns perigos que resultam em acidentes de trabalho na realidade da Misericórdia de Vila do Conde, envolvendo várias vertentes, desde quedas em altura, quedas ao mesmo nível, obstáculos, armazenagem e utilização de produtos químicos, reações químicas, equipamentos de proteção individual, concentração, postura ergonómica, posições inseguras, manuseamento de equipamentos elétricos, desgaste, fadiga e cansaço.

No final, e para compensar toda a disponibilidade e envolvimento ativo dos participantes, foi oferecida uma sessão de ginástica laboral, para que todos pudessem relaxar e ter contacto com uma das medidas preventivas mais

Workshop dos obstáculos

importantes no combate às lesões por desgaste e fadiga.

Para finalizar, em cada grupo, foi realizado um sorteio, onde se ofereceram croques aos vencedores.

O evento terminou com um simulacro de incêndio, na tarde do segundo dia, no espaço onde foram decorrendo todas as atividades do mesmo. Este simulacro surgiu de um convite dirigido aos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde por parte da Instituição.

Esta atividade de encerramento foi escolhida, para dar início a um futuro ciclo de formações em emergência e simulacros, que serão devidamente calendarizados com o objetivo de alertar, preparar e promover a segurança de todos os utentes e funcionários da Instituição.

É fundamental para a Instituição que todos os colaboradores se sintam familiarizados com a organização de emergência planeada, assim como revelem boa preparação numa eventual 1.ª intervenção de emergência, bem como ágil articulação com a proteção civil.

Com o simulacro foi possível detetar algumas fragilidades, sendo um dos grandes objetivos formativos: perceber de que forma os vários intervenientes podem reagir em situação de pânico, tais como a comunicação à proteção civil, a preocupação de socorrer utentes colocando a sua própria vida em risco, a utilização de meios de primeira intervenção, o uso das saídas de emergência, e várias outras situações que apenas em contexto real são possíveis de serem percecionadas.

O Fórum teve um resultado muito positivo, superando todas as expectativas. Os colaboradores aderiram em massa, com grande motivação e forte participação em todas as atividades.

Este Fórum permitiu ainda ao Departamento de Qualidade e Higiene e Segurança no Trabalho fazer um balanço em matéria de segurança no que respeita ao ano precedente e ao planeamento em matéria de segurança dos próximos anos, tendo a oportunidade de, nestes dois dias de Fórum, comunicar algumas das atividades planeadas aos colaboradores e ouvir também dos mesmos as suas opiniões e sugestões, aproveitando essa sinergia, de forma a maximizar a estratégia delineada.

Lara Santos

Ginástica Laboral

Visita às instalações da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde

No dia 6 de Maio, realizámos uma visita de estudo à Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Depois de uma breve viagem de autocarro, lá chegamos e bem recebidos fomos.
Três assistentes sociais muito simpáticas guiaram-nos pelo Lar de Idosos, onde vimos a sala de convívio, a cantina, a cozinha, a capela…, falámos com alguns idosos e também fizemos perguntas às assistentes sociais. De seguida, fomos para a Casa da Criança, onde visitámos as instalações e constatámos que as crianças utentes estão agrupadas por idades nas respectivas instalações. Conversámos com alguns meninos da nossa idade e vimos outras crianças mais pequeninas.
No fim de tudo observar,
uma prenda nos foram dar:
bolos deliciosos
e sumo a acompanhar.
Com o estômago bem cheio, o nosso espetáculo fomos apresentar: começámos por recitar um poema sobre a pobreza, dançamos a música "Yesterday", tocámos duas músicas maravilhosas com a flauta, "Valsa em dó maior" e "Melodia 3", e, por fim, dançámos a música "Never can say goodbye". Tínhamos preparado este espectáculo com amor e, pelos vistos, correu bem.
Depois de tanto esforço e dedicação
uma prenda recebemos:
um livro maravilhoso
recheado de emoção!
"A Rainha da Misericórdia" é o nome do livro que a Santa da Misericórdia ofereceu a cada um de nós, às nossas professoras e à Biblioteca da nossa escola. É um livro que adoramos.

Alunos do 5º B da Escola EB2/3 Doutor Carlos Pinto Ferreira do Agrupamento da Junqueira

Convívio com os utentes do Lar de Terceira Idade

Interpretação de uma dança pelos alunos

14º Rally Paper

2011 fica marcado pela décima quarta edição do Rally Paper da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, realizado durante na tarde do passado dia 17 de Setembro.
Os participantes percorreram alguns pontos do centro histórico da cidade de Vila do Conde onde se encontram alguns monumentos que são a memória do passado: o Largo da Misericórdia (a Igreja da Misericórdia e a Casa do Despacho), o Largo Vasco da Gama (a Igreja Matriz e a Câmara Municipal), o Monte (o Mosteiro de Santa Clara), a zona ribeirinha (a Alfândega Régia), a zona da foz do Ave (o Forte S. João) seguindo posteriormente para as freguesias Touguinha, Touguinhó, Junqueira, Bagunte, Fajozes, Árvore e, por fim, regresso ao local da partida.
Este ano as receitas da prova reverteram a favor do Centro de Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Fajozes, futuro centro Prof. Dr. Jorge Maia previsto para acolher 24 utentes em regime de internamento e 30 em regime de atividades ocupacionais.

Em prova estiveram cerca de duas dezenas de participantes que, sempre bem dispostos e com muito fair-play, disputaram o primeiro lugar.

Não podia faltar a presença na prova do Lions Clube de Vila do Conde, da Associação de Desporto Automóvel de Vila do Conde e do Sr. José Vieira, Diretor da Prova. Este ano entendeu-se por bem prestar homenagem ao Diretor da Prova pela dedicação e incessante trabalho durante estes 14 anos de Rally Paper.
Fizeram questão de apoiar a referida prova a cadeia de hotéis Vila Galé, o Hotel Villa C & Spa, o Santana Hotel & Spa, o Casino da Póvoa de Varzim e o Azurara Parque Aventura.

O dia automobilístico chegou ao fim com o tradicional jantar de entrega de prémios no qual foram conhecidas as classificações.
Seguem-se os nomes dos campeões:

Grupo de participantes na 14ª edição do Rally Paper

Classificação Geral

1ª Classificada
Fernanda Batista

2ª Classificada
Lara Santos

3º Classificado
Nuno Carvalho

Lara Santos

A Diversey Consulting tem à disposição um conjunto de Soluções Integradas e Serviços adaptados à realidade e actuais necessidades do Mercado.
Descubra quais as novas Soluções e Programas que a Diversey lançou no Mercado.

Diversey Consulting

Para mais informações contacte:
Avenida Doutor Luís Sá, n.º 6, 8, 10
Zona Industrial da Abrunheira
2714-505 Sintra Portugal
Telf. 219 157 000 | Fax +351 219 250 615
Consulting.pt@diversey.com | www.diverseyportugal.com

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA DO CONDE

Atendimento Permanente

24 horas por dia
Todos os dias do ano

Consultas de Clínica geral
Serviço de Enfermagem
Atendimento a sinistrados

Protocolos com várias companhias de seguros

Morada: Rua Rainha Dona Leonor nº 87 4480-247 Vila do Conde | Tel. 252 249 130/1 | Fax. 252 249 135

Do Arquivo

a - Roque Vaz

Cumprindo a ideia de conhecer mais sobre este Irmão, Roque Vaz, como manifestei no meu último artigo, verifiquei que no nosso Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia, para além dos elementos já referidos, nada mais foi encontrado. No entanto, na sequência das investigações havidas no rasto desta personalidade foi com surpresa que me deparei com a seguinte informação: "Em 1533 o rei perdoou Catarina Carvalhais por ser "manceba teúda e manteúda das portas a dentro de um Roque Vaz homem preto morador na dita ilha casado que se diz ser na Cidade de Coimbra com uma Maria Rodrigues." Atendendo a que tal facto se desconhecia em São Tomé, onde vivia há cerca de 18 anos". [1]

A questão que se me levanta é se este Roque Vaz, tendo em atenção ao espaço temporal e geográfico, é o mesmo Roque Vaz irmão desta Santa Casa. Mais ainda por "ambos" possuírem bens de fortuna que lhes permitiam, a um, oferecer a valiosa esmola de cinco arrobas anuais de açúcar, e a outro manter duas mancebas [2].

Apesar de haver homens pretos ricos em São Tomé[3] intriga-me este Roque Vaz, preto, casado em Coimbra, natural da Metrópole, e a sua solicitação para pertencer à Irmandade da Misericórdia de Vila do Conde. Possivelmente só as relações comerciais com esta Vila teriam justificado esta pretensão.

Uma leitura mais cuidada das cartas por este Roque Vaz enviadas mostra que é conhecedor não só de homens ligados ao comércio marítimo como da periodicidade das escalas dos barcos que atracavam em São Tomé.

Lembra-se as afirmações feitas das dificuldades havidas no transporte do açúcar:

"… senorias vosas mercês nan me devem de por minha culpa quanto rezam deva ser por que esta careira (sic) he tam comprida que nela se faz mill cousas por onde nam tenho mandado a esmolla a santa misericórdia em que vosas mercês em alguma parte nisto tem culpa porque Deus seja louvado cada ano bem três e quatro navios a esta Ilha da vosa vila em que vosas mercês nam lhe custa mais que dar algumas regras ao mestre …"

Reflectindo na afirmação de Roque Vaz da aportagem de "…três e quatro navios…" à ilha de S. Tomé, naturalmente pilotados por homens de Vila do Conde, sou levado a pensar serem rotineiras as viagens destes pilotos ao Golfo da Guiné e S. Tomé e Príncipe. E daí deduzir que estará dentre eles o "piloto anónimo" que foi o autor do escrito "Navegação de Lisboa à Ilha de S. Tomé", obra que fora dedicada ao Conde Raimundo De La Torre, gentil-homem, aquando da sua estadia em Veneza. Pela leitura desse escrito pode-se afirmar que este piloto tinha um conhecimento económico-social muito completo da ilha de São Tomé no século XVI.

Não será possível que Ana de Chaves, Roque Vaz e este "piloto anónimo", num meio social relativamente pequeno, como se pensa que fosse ao tempo, houvessem relações entre si?

Firmino Abel

1- In "Nova História da Expansão Portuguesa"- Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Tomo 2– A Colonização Atlântica – Coordenação de Artur Teodoro Matos - Arquipélago do Golfo da Guiné: Fernando Pó, São Tomé, Príncipe e Ano Bom – Luís da Cunha Pinheiro, p. 251.

2- No mesmo Livro se refere que Roque Vaz tinha uma outra manceba de nome Lucrécia Pereira.

3 - In "Nova História da Expansão Portuguesa"- Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Tomo 2– A Colonização Atlântica – Coordenação de Artur Teodoro Matos - Arquipélago do Golfo da Guiné: Fernando Pó, São Tomé, Príncipe e Ano Bom – Luís da Cunha Pinheiro, p. 254.

b - Semana da Misericórdia

O período de instabilidade político-social vivido nos fins da década de vinte e princípios da década de trinta[1] , do século passado, dificultava a angariação de meios que minorassem as necessidades financeiras do nosso Hospital. E como as adversidades aguçam o engenho surgiu a ideia, em 1933, sendo provedor o Dr. António Francisco Ribeiro da Silva, de se "... promover no jardim da Avenida Júlio Graça desta Vila, nos dias dois a dez de Setembro próximo, festas de caridade em benefício do Hospital desta Santa Casa, as quais constariam de uma Kermesse com barracas de chã, caldo verde, comidas e bebidas, pim-pam-pum, tiro ao alvo, etc, e bem assim bandas de música, fogos do ar, ginkanas, Orfeão, ranchos, cinema ao ar livre, etc., constituindo uma comissão composta dos senhores Carlos de Barros Barbosa, Dr. João Canavarro, Crispiano da Fonseca, Serafim Martins de Almeida, Luís Pereira Santos, João Melo e Francisco Lopes Barbosa ..."[2] . Como anualmente, no mês de Setembro, se passaram a realizar estas festividades, tomaram o nome de Semana da Misericórdia que, sendo organizadas nesta época de veraneio, tiveram a contribuição valiosa das famílias da Colónia Balnear desta cidade. Como exemplo do que se acaba de afirmar destaca-se a realização do primeiro "Arraial Minhoto", de cuja Comissão Organizadora faziam parte as senhoras: "… Baronesa de Vilalva, casada, desta vila; Condessa de Castro Sola, casada, de Lisboa; D. Margarida de Braancamp de Cardoso Menezes (Margaride), casada, de Lisboa; D. Arminda Sampaio de Cardoso Menezes (Margaride), casada, de Lisboa; D. Lídia Sieuve Seguier de Campos de castro de Azevedo Soares (Carcavelos), casada, de Vila do Conde; D. Salomé Castelo Novo de Vasconcelos Porto, casada, do Porto; D. Henriqueta Pizarro Monteiro, viúva, desta vila; D. Eugénia Woodhouse Serpa Ferreira, casada, do Porto; D. Maria Isabel Avilez de Souza Rêgo, casada, do Porto; D. Maria Luiza Leite de Castro Azevedo Soares (Carcavelos), casada, desta Vila do Conde; D. Maria Rangel Pamplona Homem de Melo, casada, do Porto; D. Maria Guedes Queiroz Taveira, casada, de Amarante; D. Conceição de Castro Sola Soares, casada, do Porto; D. Helena Figueiredo de Faria, solteira, de Vila do Conde; D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, casada, de Lisboa; D. Olinda Amorim da Cunha Araújo, D. Ruth Araújo Flores e D. Irene Adlina da Silva Santos Coutinho Lanhoso, casadas, de Vila do Conde, e D. Teresa Silva Porto, viúva, de Lisboa…" [3].

A Mesa Admnistrativa da Santa Casa da Misericórdia, em acta da sessão de 11 de Setembro de 1940, resolveu "… conferir o diploma de irmão desta Misericórdia à Comissão Organizadora do "Arraial Minhoto" que se realizou na Esplanada, em cinco do corrente, a favor do Hospital desta Santa Casa, (…) resolvendo também exarar na acta da presente sessão, um voto de agradecimento à mesma Comissão, e que esta deliberação fosse comunicada a cada uma d'aquelas senhoras, no ofício que acompanhar o seu diploma de irmã."

Durante a realização das festividades da Semana da Misericórdia, graças à influência no meio artístico de Lisboa da família Barbosa, actuaram alguns dos melhores intérpretes de Fado. E como já nesta época o futebol era um espectáculo valorizado, foi resolvido " realizar no próximo mês de Setembro, nesta vila, em favor do Hospital desta Santa Casa, um desafio de futebol entre as primeiras categorias do Futebol Clube do Porto e um dos principais clubes da capital, nomeando a Mesa seu delegado para tratar deste assunto como o senhor Provedor, o Excelentíssimo senhor Francisco Lopes Barbosa, de Lisboa, para o que já iniciaram os seus trabalhos." [4]

Outras manifestações de apoio ao Hospital serão aqui lembradas.

Firmino Abel

1 - Instabilidade político-militar que culminou na Revolução de 28 de Maio de 1926, iniciando o período de Ditadura Militar a que se segue o Estado Novo.
2 - Acta da sessão da Mesa de 29 de Agosto de 1933.
3 - Acta da sessão de 11 de Setembro de 1940.
4 - Acta da sessão de 21 de Agosto de 1940.

APOIO À SOLIDARIEDADE

OPEL
José Félix & Filhos, Lda.
www.josefelixefilhos.pt
Vila do Conde | Póvoa de Varzim | Esposende

Congresso Nacional das Misericórdias Portuguesas

A pesar de este ser reconhecidamente um mundo caracterizado pela mudança que nos leva, ou devia levar, a tomar medidas de prevenção e defesa do homem, somos permanentemente surpreendidos por novos e cruciais problemas sociais. É que as mudanças nem sempre, ou mesmo nunca, têm em consideração o ser humano. O ser humano é o rochedo contra o qual batem em cheio as ondas agitadas e alterosas das mudanças. Contudo, as mudanças são sempre justificadas por supostos benefícios humanos. Estou em crer que, se a fundamentação das mudanças tivesse o interesse do homem como critério essencial, não estaríamos hoje mergulhados na grave crise social em que estamos. Na verdade, o Homem é uma espécie de náufrago neste mar agitado de mudanças que é o mundo em que vivemos. E ainda as opiniões se dividem sobre quem é o culpado deste naufrágio colectivo: se quem provoca as mudanças, se o homem atingido por elas.

Reflexo dessa crise social é a agitação que se verifica nas instituições portuguesas mais vocacionadas para agir na área social – **as Misericórdias.** Vêem-se constantemente na necessidade de se reunirem para discutirem e deliberarem sobre os problemas com que se defrontam para atenuarem, na medida do possível, o sofrimento humano que não tem sempre as mesmas causas nem se manifesta sempre da mesma maneira. A adaptação a estas variáveis exige um grande esforço de raciocínio e uma ampla troca de opiniões que explicam os sucessivos encontros de debates dos problemas sociais levados a cabo pelas misericórdias com uma periodicidade muito curta.

Mesa da sessão solene de abertura do congresso
Da esquerda para direira: Dr. Manuel de Lemos (Presidente da UMP), Dr. José Reinaldo (Presidente da Confederação das Misericórdias Brasileiras), Dr.ª Helena André (Ministra do Trabalho e da Segurança Social), Dr.ª Maria de Belém Roseira (Presidente do Congresso), Dr. António Brito (Representante da Confederação Internacional das Misericórdias), Dr. Joaõ Paulo Melo (Presidente da Câmara Municipal de Coimbra), Prof. Dr. João Gabriel Silva e Prof. José Dias Coimbra (Pres. do Secretariado Regional de Coimbra e Pres. do Secretariado Exetutivo do Congresso).

Ainda no ano passado se realizou o I Congresso do Grupo Misericórdias Saúde para discutir e deliberar sobre o tema da Saúde, tendo por anfitriã a Misericórdia de Vila do Conde e que a revista «Santa Casa» amplamente noticiou, e já neste ano de 2011 teve lugar um novo congresso sobre o tema **«A intergeracionalidade».** Registando-se em Portugal uma das menores taxas de natalidade da Comunidade Europeia e uma das maiores taxas de envelhecimento, os problemas sociais daí decorrentes mereceram das Misericórdias uma profunda reflexão. Entendemos ser de interesse para todos dar notícia do que neste congresso se discutiu. Os problemas sociais devem merecer a nossa atenção, mais do que muitos outros que, por vezes, ocupam as manchetes dos jornais e revistas que só servem para desviar a atenção do homem daquilo que verdadeiramente o deve preocupar. E esses problemas atingem todos os homens, não são discriminatórios nem ninguém está a eles imune; nada mais importante, portanto, do que conhecer quais eles são para cada um se poder acautelar, se para isso houver medidas preventivas. E para alguns há.

I – Sessão Solene de Abertura do Congresso

O Congresso teve a sua sessão solene de abertura no dia 16 de Junho no auditório da Universidade de Coimbra, pelas 16 horas com intervenções da Dr.ª Maria de Belém Roseira, presidente do Congresso; do Prof. José Dias Coimbra, presidente do Secretariado Regional de Coimbra e presidente do Secretariado Executivo do Congresso; do Dr. José Reinaldo, presidente da Confederação das Misericórdias Brasileiras; do Dr. João Paulo Barbosa de Melo, presidente da Câmara Municipal de Coimbra; e do Dr. Manuel de Lemos, presidente do Secretariado Nacional da UMP e da Confederação Internacional das Misericórdias.

A sessão solene foi encerrada com a **Oração de Sapiência** do Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor João Gabriel Silva, cujo tema escolhido foi o da situação financeira em que Portugal se encontra.

Começou por dizer que há dois modelos para tratar os idosos: um que assenta na «solidariedade intergerações, isto é, os que estão no activo pagam as pensões e a assistência, genericamente, àqueles que já não têm capacidade de angariar rendimento próprio»; o outro é «baseado em fundos de pensões em que as pessoas, quando estão no activo, vão amealhando, guardando o dinheiro que depois se lhes há-de pagar mais à frente».

Justificou, de seguida, por que é favorável ao primeiro modelo e se opõe ao segundo: este «corta as relações de solidariedade entre as gerações» o que «é grave para a própria coesão da sociedade» e dá origem aos fundos de pensões que alimentam os mercados de capitais cujo fim é o da reprodução financeira, isto é, sobre muitos pontos de vista, a especulação. «E isto destrói a sociedade». Além disso, no seu entender, «parte da crise em que estamos tem a ver com o modelo dos fundos de pensões». Ao contrário, o primeiro prove a ajuda intergeracional e isso é positivo.

Lembrou, porém, que o momento de crise financeira em que nos encontramos vai criar dificuldades a esta intergeracionalidade e mostrou a sua estranheza por termos chegado a esta situação sem que as pessoas se apercebessem para onde caminhávamos. Alertou ainda para o facto de nós caminharmos ainda para um abismo financeiro visto «que o saldo primário é claramente negativo, isto é, mesmo

que nós não tivéssemos empréstimos para pagar, estávamos em défice e tínhamos necessidade de fazer empréstimos».
mo que nós não tivéssemos empréstimos para pagar, estávamos em défice e tínhamos necessidade de fazer empréstimos».
Passou à fase das concretizações:
- A forma como são apresentados os Orçamentos de Estado não esclarecem a grande maioria dos Portugueses e, portanto, só os especialistas na matéria conseguem extrair deles se o saldo primário é positivo ou negativo. Sugeriu, então, que «o Orçamento de Estado devia ter uma primeira página com um sumário executivo, com meia dúzia de dados, aqueles que são verdadeiramente relevantes, que tornem perceptível os números grossos ao cidadão o que é que está em causa e lhe permitam raciocinar e nomeadamente permitam decidir o voto, para sabermos se queremos de facto ir por um caminho que nos deixa profundamente endividados que dá cabo das gerações futuras, não só das actuais».
- Referindo-se ao Orçamento de Estado do ano corrente, disse constatar que a receita é de 72 mil milhões de Euros e a despesa é de 80 mil milhões, isto é, o desequilíbrio é de 8 mil milhões.
- A dívida pública era, no final de 2010, de 151 mil milhões de Euros e, se a ela acrescentarmos a dívida do sector empresarial do Estado pode chegar a 210 mil milhões de Euros. Calcula-se que, só de juros, vamos pagar cerca de 7 mil milhões de Euros e isto não vem no Orçamento «o que é curioso, pois é uma despesa grossa do Estado, mas não vem lá, e é interessante…».
- Apresentou dois números para serem comparados com o dos juros: o sistema das IPSS recebe 1,2 mil milhões de Euros e «todo o Sistema de Ensino Superior português, Universidades e Politécnicos, recebe do Estado aproximadamente a mesma quantia» e concluiu: «Imaginem que parte dos juros estava disponível para outros fins, como estes dois que referi, o que se poderia fazer?...».
- Pôs também os congressistas a reflectir sobre a virtuosidade ou a inutilidade dos investimentos que o Estado anda a fazer há muito tempo, mas não adiantou nenhum juízo de valor, deixando a cada um esse exercício.
- Comparou, por último, o PIB («soma de todas as facturas emitidas num ano no país) – 170 mil milhões de Euros – com «a dívida global que temos, isto é, o dinheiro que gastámos a mais do que aquilo que tínhamos (que) é de 450 mil milhões de Euros» (210 mil milhões do Estado e 250 mil milhões das empresas privadas), concluindo que «se se juntasse o dinheiro de todas as facturas e não se pagasse nada a ninguém, não se comesse, etc., durante três anos, nós conseguíamos pagar a dívida».
Citando uma observação atribuída aos Romanos «Os Lusitanos era aquele povo que não se governava nem se deixava governar…», sentenciou «que nós devemos é ter de continuar a não nos deixarmos governar, mas era bom que passássemos a saber governar-nos».
A terminar, deixou duas sugestões:
- A alteração à Constituição Portuguesa «no sentido que qualquer orçamento que tivesse um défice superior, digamos a 2% do PIB, tinha que ser aprovado com a maioria de dois terços da Assembleia da República. E que a penalidade para os governantes que, no final do ano, se verificasse que não tinham respeitado isso, era a inelegibilidade durante dez anos». A inelegibilidade só poderia ser levantada também por votação na Assembleia da República, se dois terços dos deputados reconhecessem que circunstâncias excepcionais justificavam tal défice.
- Maior exigência dos cidadãos com as escolhas que se fazem nos investimentos do Estado. Concretizou com dois casos de Coimbra: Construção de uma ponte que custou 60 ou 70 milhões de Euros, quando se podia construir uma outra por apenas 10 milhões e que faria o mesmo serviço; e a construção de um estádio que deixou a Câmara endividada para 40 anos, quando o que existia «era razoavelmente funcional com mais uns ajustes».

Pelas 18 horas, as Irmandades das Misericórdias desfilaram desde a Porta Férrea da Universidade até à Sé Nova onde apresentaram cumprimentos a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Bispo Conde de Coimbra, D. António Cleto, seguindo-se a Celebração Eucarística.
O dia terminou com um concerto no Museu Machado de Castro.
Transcrevemos, de seguida, a parte do discurso do Dr. Manuel de Lemos, presidente da UMP, em que ele justifica a escolha da intergeracionalidade como tema de reflexão deste congresso.

Dr. Manuel de Lemos (Presidente da UMP) no uso da palavra

«Ainda há cerca de quinze dias saímos de um período eleitoral e, neste momento mesmo, ultimam-se negociações para a formação de um novo governo, que esperamos em estreita consonância com a Assembleia da República e com o Senhor Presidente da República, possa dar passos significativos e inequívocos no sentido de criar as condições para sairmos da crise em que Portugal está mergulhado.
*Há cerca de dois meses, uma conhecida política no activo disse-me que «**os portugueses têm que mudar de vida**».*
E, ao longo deste período eleitoral que agora terminou, todos os partidos, mas com particular relevância os três partidos do arco governativo, de uma forma ou de outra, apontaram para esta necessidade, independentemente das soluções propostas.
A verdade porém é que, em face da real realidade (perdoe-se-me o pleonasmo) das circunstâncias que, em especial, decorrem do memorando de entendimento, celebrado pela República Portuguesa, a UE e o FMI, esse «mudar de vida» vai traduzir-se num processo lento, pautado pelo agravamento das dificuldades de vida dos sectores mais desfavorecidos da sociedade portuguesa, e até da classe média, que se vêem confrontados com taxas de desemprego, oneradas com impostos crescentes e com a frustração de muitas expectativas de vida.
Eu sei, nós sabemos, que os responsáveis políticos, até por motivos louváveis, daqui a algum tempo nos vão começar a dizer que as coisas estão melhores, que o fim da crise está ali mesmo ao virar da esquina, mas também sei, também sabemos, que essas declarações são pias e que, durante alguns anos, iremos assistir a uma degradação continuada da qualidade de vida da sociedade portuguesa.
Ora, é nesse contexto que as Misericórdias de Portugal se encontram, a partir de hoje em Coimbra, para reflectir como se posicionar perante esta crise e como continuar a ajudar os cidadãos em nome da «Missão» que assumiram, vai para 512 anos, nomeadamente em sede de cooperação com o Estado, com o Estado Central e com o Estado Local, aqui tão bem representados por Sua Excelência a Senhora Ministra e pelos Senhores Secretários de Estado e pelo Presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses.
Cumprir a «Missão» e, ao mesmo tempo, assegurar a sustentabilidade no quadro das res-

ponsabilidades assumidas, eis o nó górdio dos nossos desafios no tempo que passa.
E porque acreditamos que é nos valores que há-de residir a nossa força interior e a nossa capacidade de fazer, propusemos que o tema da intergeracionalidade fosse o tema central do nosso Congresso, entendido aqui como a partilha de saberes, de vontades e de responsabilidades num quadro de inovação e de rigor entre as gerações que compõem e dão corpo às Comunidades em que nos inserimos.
Uma grande personalidade da vida portuguesa que a vida ceifou cedo, mas que marcou indelevelmente os primeiros anos da nossa democracia – Francisco Sá Carneiro – disse um dia que gostava que Portugal fosse um país onde os velhos tivessem presente e os jovens futuro.
E, se olharmos bem para o que tem sido a nossa actividade, nomeadamente nestes últimos anos, talvez, de facto, pudéssemos resumir nessa frase o que sabemos fazer.
É pois, perante a dualidade única que referi acima, isto é, Missão versus Sustentabilidade, que nos reunimos em Coimbra sob a protecção da Senhora do Manto Grande.
E, se me permitem que, de algum modo e de forma muito breve, também eu aborde aqui essa dualidade, sugiro-vos salientar quatro pontos que reputo essenciais para a reflexão:

***Ponto 1** – Entendo que não devemos confundir a nossa responsabilidade com a responsabilidade do Estado. Nos Estados Modernos cabe à entidade Estado a definição das políticas sociais, da mesma forma que lhe cabe criar as condições para que essas políticas sejam cumpridas.*
O plano das Misericórdias situa-se neste quadro, como obrigação ética que decorre da nossa natureza e das nossas raízes cristãs, expressas nas 14 Obras de Misericórdia.
Quando, às vezes, vejo alguns Senhores Provedores angustiados por não poderem responder a todas as situações que se lhes deparam, entendo-os e admiro-os do ponto de vista ético, mas recomendo-lhes que não pretendam substituir-se ao Estado para além do razoável.

***Ponto 2** – E, se o Estado é o responsável pela definição das políticas e pela criação das condições para que sejam cumpridas, não é forçoso que seja ele o prestador dessas políticas. Já os Romanos diziam «**Unitas missionis, diversitas ministerii**».*
Ora, a prática tem até demonstrado que o Sector Social, em geral, é capaz de fazer tão bem, em termos de eficácia e qualidade e, sobretudo, muito mais barato.
*Os responsáveis públicos da área da Segurança Social sabem isso há dezenas de anos (não foi a Secretária de Estado, Dr.ª Leonor Beleza, que disse: «**um escudo dado a uma Misericórdia vale por mil escudos gastos pelo Estado?**». E os responsáveis da Saúde estão a descobrir essa percepção em passo acelerado, como o recente acordo com o Ministério da Saúde para consultas e cirurgias tem demonstrado, e decorre de toda a filosofia da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados.*
No tempo de crise que vivemos é absolutamente inaceitável que o Estado financie por 100 o Sector Público, se pode alcançar o mesmo resultado por 70 no Sector Social; e, pior ainda, que se meta em aventuras com o Sector Privado em sede de execução de políticas sociais com todos os ónus para as gerações futuras que os economistas têm demonstrado.

***Ponto 3** – Ora, se é assim, decorrem para as partes obrigações acrescidas em tempo de crise: para as Misericórdias, a obrigação da disponibilidade em cooperar, do rigor e da qualidade; para o Estado, a obrigação do pagamento do preço justo e, sobretudo, a disponibilidade para perceber que, mais do que Estado Tutela, tem que se comportar como Estado Parceiro.*
O tempo da arrogância e do medo tem que decisivamente passar e ser substituído pelo tempo da competência, da justa avaliação do custo/benefício e do bom senso.

Não me parece mais possível que um qualquer preconceito ideológico possa custar ao Estado o que custou a pseudo ampliação do pré-escolar ou que um dirigente intermédio do Estado possa derrogar impune acordos celebrados entre os responsáveis políticos e as Uniões representativas do Sector.

***Ponto 4** – A importância da Economia Social assume, neste quadro, uma importância decisiva. É urgente que, nesta legislatura que agora começa, os partidos se ponham de amplo acordo para que, em Portugal, haja uma lei que regule a Economia Social e Solidária no quadro da sua especificidade face à Economia formal.*
*A questão da propriedade das farmácias, a questão da devolução do IVA, dos benefícios fiscais, do sentido do que quer dizer «**utilidade pública**» são exemplos de questões que se colocam agora com ainda mais acuidade.*
*São seguramente questões que coloco à reflexão do Congresso no quadro mais vasto da **intergeracionalidade** e que, a meu ver, merecem uma tomada activa de posição. O que não podemos é continuar a adiar. Os que me conhecem sabem que percebo que me digam que «**não**», mas não percebo, nem aceito que nos enrolem».*

Na homilia proferida durante a Eucaristia, D. António Cleto afirmou que misericórdia é «procurar justiça social» e «garantir a todos o que hoje se consideram como condições mínimas de dignidade». Segundo o mesmo prelado, a concretização da mensagem cristã «amai-vos uns aos outros» exige iniciativa, desapego, paciência e carinho. «O amor cristão é paciente, não é altivo, não procura o próprio interesse e tudo suporta. Se assim não for, os serviços das Santas Casas serão apenas suplementares, cobrindo aquilo que o Estado e a sociedade civil não conseguem fazer». Encerrou D. António Cleto a sua alocução, lembrando que sustentabilidade, gestão e técnica não impedem de ter alguns cuidados que colocam a pessoa no centro da actividade das Misericórdias.

II - Assuntos tratados durante o Congresso

Dia 17 de Junho

Painel I - «Contributo das Misericórdias para a promoção das reformas na Saúde».
Presidente – Armando Porto – Provedor da Misericórdia de Coimbra
Moderador – Manuel Caldas de Almeida – Provedor da Misericórdia de Mora.
Coferencistas - Manuel Antunes (Universidade de Coimbra) e Correia de Campos (SUCH).

Painel II - «O Património Cultural como marca identificativa das Misericórdias».
Presidente – Noémia Carneiro Pacheco – Provedora da Misericórdia de Guimarães.
Moderador – António Pedro Pita – Delegado Regional da Cultura.
Coferencistas - Odete Farrajota Leal (S. C. Misericórdia de Lisboa), Maria Antónia Figueiredo Lopes (Universidade de Coimbra), José Pedro Paiva (Universidade de Coimbra).

Painel III - «A importância da Economia Social na promoção do Desenvolvimento Sustentado».
Presidente – Isabel Miguéns Bouças – Provedora da Misericórdia de Cascais.
Moderador – José Gonçalves da Silva – Provedor da Misericórdia de Ponta Delgada.
Conferencistas - Eduardo Graça ((CASES), Alberto José dos Santos Ramalheira (União das Mutualidades).

Painel IV - «A Inovação – Factor de desenvolvimento e mudança».
Presidente – Edison Alves Dias – Provedor da Misericórdia do Seixal.
Moderador – António Tavares – Provedor da

Nº 34 - SETEMBRO / 2011 casa Santa

A Diversey Consulting tem à disposição um conjunto de Soluções Integradas e Serviços adaptados à realidade e actuais necessidades do Mercado.

Descubra quais as novas Soluções e Programas que a Diversey lançou no Mercado.

only 4 PROTECTION

Diversey Consulting

Para mais informações contacte:

Avenida Doutor Luís Sá, n.º 6, 8, 10
Zona Industrial da Abrunheira
2714-505 Sintra Portugal

Telf. 219 157 000 | Fax +351 219 250 615
Consulting.pt@diversey.com | www.diverseyportugal.com

Misericórdia do Porto.
Conferencistas - Zeinal Bava (PT), Carla Pedro (Cisco System) e Rui Folhais (POPH).

Painel V - «As Misericórdias e a sua relação Estado Central / Autarquias».
Presidente – Padre Vítor Melícias
Moderador – Fernando Campos – Provedor da Misericórdia de Boticas.
Conferencistas - Ângelo Correia (Grupo Fomentinvest) e Rui Miguel Silva André (Misericórdia de Monchique).

Dia 18 de Junho

Painel VI - «O papel das Políticas Sociais na promoção da igualdade na Sociedade».
Presidente – Francisco Araújo – Provedor da Misericórdia de Arcos de Valdevez.
Moderador – Carlos Andrade – Secretariado Nacional da UMP.
Conferencistas – Maria José Nogueira Pinto (Deputada pelo PSD) e Lino Maia (Presidente da CNIS).

Painel VII - «A intergeracionalidade encarada pelos seus diferentes intérpretes».
Presidente – Joaquim Mourão Dias – Provedor da Misericórdia de Idanha-a-Nova.
Moderadora – Cristina Farinha Ferreira – Provedora da Misericórdia da Amadora.
Conferencistas – Maria da Piedade Murta (Provedora da Misericórdia de Portalegre), Rui Filipe Rato (Provedor da Misericórdia de Cantanhede) e Rui Bacalhau (Vice-Provedor da Misericórdia de Borba).

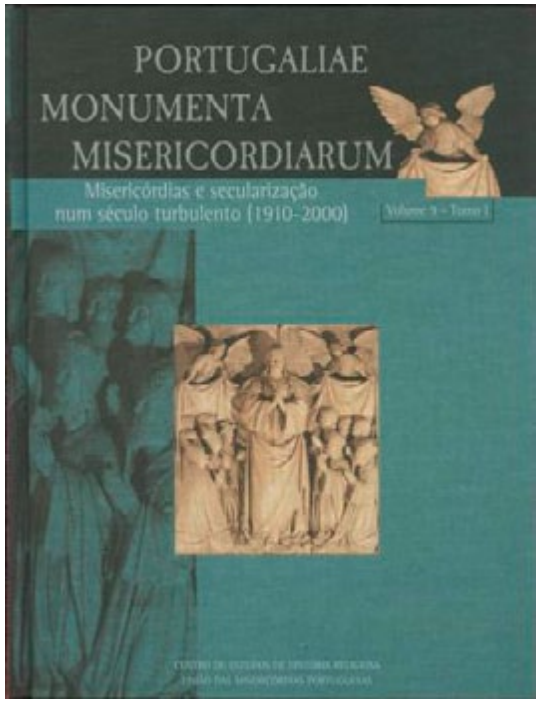
Não tendo acesso à intervenção integral de cada um dos que participaram no Congresso, limitar-nos-emos a destacar algumas das afirmações que por eles foram feitas que – julgo - nos darão uma ideia geral das teses defendidas pelos congressistas.

Dr.ª Maria de Belém Roseira (Presidente do Congresso) no uso da palavra

Maria de Belém Roseira - «O FMI pode contar com as Misericórdias para o desenvolvimento do seu plano».
José Dias Coimbra - «As Misericórdias podem contribuir para a reflexão sobre o modelo de protecção social».
Fernando Ruas - «Os Municípios substituem o poder central porque é a nós que as pessoas procuram».
Vítor Melícias - «As Misericórdias são colaboradoras, cooperadoras e complementares, mas não actuam em nome de ninguém nem por ordem de ninguém».
Ângelo Correia - «O país não precisa de uma rede de serviços do Estado. O país precisa de uma rede de serviços do país».
João Gabriel Silva (Reitor da Universidade de Coimbra, na Oração de Sapiência) - «Temos de passar a dar importância à utilização do dinheiro. É fundamental que os cidadãos se interessem pelo Orçamento do Estado cujo objectivo é gerir os recursos que são de todos. O caminho de dívida (que seguimos) dá cabo das gerações futuras. Não sabemos como aqui chegámos e como país fizemos um péssimo serviço». Deixou, por fim, como comercial a necessidade do Orçamento do Estado ser perceptível para os cidadãos e também, com votação no Parlamento, a inelegibilidade dos governantes que não o cumpram.
Carlos Andrade – Este responsável pela acção social do Secretariado Nacional da UMP apelou à parceria entre Estado e sector social para fazer face à crise social no país. As Misericórdias são entidades capazes com as quais deverá contar o Estado, mas sem ferir a dignidade das pessoas. Por isso, defendeu que as Santas Casas não podem, nem devem, entregar à Segurança Social a lista daqueles que procuram os refeitórios sociais. O Rendimento Social de Inserção também mereceu reflexão. Considerando ser uma medida a preservar, afirmou que o seu sucesso passará por uma acção mais activa de acompanhamento, avaliação e monitorização por parte das Misericórdias que trabalham nesta área. Referiu ainda que o combate à pobreza tem de passar pelos mais vulneráveis: os idosos.
Maria da Piedade Murta – Levou os idosos até ao Congresso através de fotografias ilustradoras das actividades que lá se realizam.
Rui Bacalhau – Mostrou de que forma os equipamentos de infância e terceira idade da Santa Casa de Borba, de que é vice-provedor, têm sido construídos para aproximar gerações.
Rui Filipe Rato – Afirmou que a ponte entre as gerações é feita através de projectos como aprendizagem das novas tecnologias, culinária, levantamento de registos etnográficos, etc.
Manuel Antunes – Afirmou que a «Saúde está muito doente em Portugal», apontando, portanto, para a necessidade de uma revisão profunda da organização dos serviços que a ela dizem respeito, com atenção muito especial para aspectos fundamentais como despesismo e ineficiência. Afirmou também acreditar «nos resultados positivos da participação do sector social na saúde em complementaridade ao sector público».
Manuel Caldas de Almeida - «As Santas Casas, com as mais valias de proximidade e eficiência, são capazes de apoiar o Estado na instalação de uma rede de cuidados primários no país. Contudo, é preciso que haja uma clarificação por parte do governo».
Carlos Nunes – Falando no painel em que se abordava o tema «Inovação – factor de desenvolvimento e mudança», lançou o seguinte desafio: «Fazer de forma diferente aquilo que faz a diferença». Afirmou que «a inovação social procura responder a novas necessidades e ocorre quando novos mecanismos e novas normas contribuem para consolidar e melhorar o bem-estar dos indivíduos em termos de inclusão social, criação de emprego e qualidade de vida».
Carla Pedro – Revelou ter a mesma opinião do conferencista anterior, pois, referindo-se ao problema do envelhecimento, disse ser necessário procurar novas formas de abordagem: «Não pensar em saúde, mas em bem-estar, ter participantes em vez de utentes ou consumidores e também usar a tecnologia como mote para inovação social».
Eduardo Graça - «A economia social não se situa à margem da economia real, nem é um mero amortecedor dos efeitos das crises quando elas emergem, ameaçando os paradigmas de desenvolvimento económico-social vigentes na nossa sociedade, nem é, do meu ponto de vista, uma nova economia, como alguns preconizam, ou seja, uma radical alternativa ao modelo da chamada economia de mercado. A economia social é, voltando ao básico, uma realidade que encerra um conjunto diversificado de respostas às necessidades sentidas pelos cidadãos e comunidades, através de organizações com autonomia face aos poderes públicos, buscando respostas para a satisfação das suas necessidades. É uma faceta da economia e da sociedade, fundada na livre associação dos cidadãos, diria na sua auto-associação e que, podendo rivalizar, não se separa nem se antagoniza com a economia

comercial nem com o Estado. (Ver versão integral neste número da revista).

III – Apresentação do vol. IX dos «Portugaliae Monumenta Misericordiarum



Vol. IX dos « Portugaliae Monumenta Misericordiarum»

No decorrer do painel sobre «O Património Cultural como marca identificativa das Misericórdias», foi apresentado o vol. IX dos «Portugaliae Monumenta Misericordiarum» que abrange o período que começa na implantação da República e acaba no ano 2000. Segundo o coordenador da obra, José Pedro Paiva, o fim da colecção já está a ser preparado: além de um volume sobre a actualidade, até 2012, será lançado o volume de índice e artigos que encerra um período de 12 anos de investigação sobre as Misericórdias. Tendo a investigação incidido muito nos arquivos das Santas Casas – mais de 100 -, tiveram os investigadores a oportunidade de verificar o estado em que eles se encontravam. Em consequência disso, deixou o seguinte apelo: «Os arquivos precisam de intervenção urgente», pois encontram-se em estado de avançada deterioração, sendo, em alguns casos, já impossível a recuperação.

A investigadora Maria Antónia Figueiredo Lopes, que também colabora nesta obra, pediu aos provedores que tenham em atenção o trabalho realizado de modo a evitar a reprodução de alguns erros que grassam por aí, dizendo: «A história das instituições está repleta de mitos e não será fácil deixar de referenciá-los e a história das Santas Casas não é excepção, mas neste momento os erros históricos estão denunciados e devidamente esclarecidos». Entre alguns dos mitos que escolheu para apresentar à audiência durante os trabalhos, referiu três: o responsável pela expansão das Misericórdias não foi a Rainha D. Leonor, mas sim D. Manuel I; nunca houve, até ao século XX, tutela eclesiástica sobre as Misericórdias que não tinham erecção canónica nem estavam sob a tutela dos bispos; e não há qualquer prova de que Frei Miguel Contreiras tenha existido.

IV - Conclusões do Congresso

Reunido o X Congresso Nacional das Misericórdias Portuguesas, nos dias16, 17 e 18 de Junho, em Coimbra e Arganil, decidiu aprovar as seguintes conclusões:

1 – O Congresso teve em especial atenção o momento particularmente grave que Portugal vive, quer em termos económicos, quer em termos sociais, tendo, no âmbito da nossa missão de cumprimento das 14 Obras de Misericórdia, reafirmado a sua total disponibilidade e responsabilidade em cooperar com o Estado e com todas as instituições da sociedade civil, para ajudar Portugal e os Portugueses a encontrarem o caminho para um futuro melhor;

2 – O Congresso reafirmou a necessidade de cada uma das Misericórdias de Portugal exigir de si mesma o maior rigor e contenção na gestão das suas Santas Casas, com o objectivo de ser cada vez mais eficiente e mais eficaz, assegurando assim a sustentabilidade e a perenidade. Neste quadro, o Congresso revelou a importância da inovação nas Misericórdias e a vantagem em compatibilizar os valores sociais que cabe aos eleitos assegurar com o profissionalismo dos recursos humanos.

3 – Neste contexto, o Congresso manifestou a sua preocupação face às alterações legislativas referentes ao IVA no caso da construção de equipamentos ou mesmo a eventual aplicação desse impacto às comparticipações dos utentes e das suas famílias; combater a crise com rigor e determinação não isenta o Estado Português de fazer opções.

4 – No contexto das dificuldades económicas que o País atravessa, o Congresso reafirmou a capacidade das Misericórdias, enquanto agentes de desenvolvimento económico e promotoras de emprego sustentado, tendo manifestado, mais uma vez, a necessidade urgente do desenvolvimento da Economia Social e instando também os poderes políticos para a aprovação de legislação que considere a especificidade própria do Sector Social.

5 – Também no contexto legislativo, o Congresso reflectiu, mais uma vez, sobre a necessidade da revisão do Decreto-Lei n.º 119/83, para tornar o estatuto das IPSS mais adequado à realidade do primeiro quartel do Século XXI e, no caso concreto das Misericórdias, deixar consagrado, quer perante o Estado quer perante todos os outros poderes, a sua especificidade, autonomia e natureza próprias;

6 – O Congresso avaliou ainda a necessidade de se prosseguir com todos os trabalhos que conduzam à identificação, segurança e preservação do Património Cultural das Misericórdias, colocando-o assim à disposição das Comunidades e tornando-o agente da promoção da cultura, do lazer e do turismo;

7 – No sector da saúde, o Congresso congratulou-se com os resultados obtidos, quer em termos de Hospitais de Agudos quer em termos da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados e deliberou tornar pública a disponibilidade das Misericórdias para continuarem a ajudar todos os Portugueses que sofrem, em complementaridade com o Estado, com superior qualidade, mas a custos bem inferiores aos praticados, quer no Sector Público quer nas Parcerias Público-Privadas. Esta dificuldade entende-se desde já, quer no tratamento das demências quer na participação activa na implementação de Unidades de Saúde Familiares. A este respeito, o Congresso deliberou informar a Troika da capacidade das Misericórdias e dos preços a que estas conseguem trabalhar, porque a capacidade de resposta das Misericórdias é um recurso nacional que não pode ser menosprezado.

8 – No que respeita às reformas sociais em sentido estrito, o Congresso manifestou a disponibilidade das Misericórdias para acorrerem às situações mais graves, nomeadamente reforçando as suas cantinas sociais e assegurando ao Estado que, com a colaboração deste e das outras IPSS, estará em condições de providenciar que nenhum português passe fome ou tenha sede.

9 – O Congresso considerou ainda a necessidade da articulação urgente de todo o processo de envelhecimento, nomeadamente dirigindo a sua atenção para os mais velhos e mais dependentes.

Neste contexto, a implementação de uma rede nacional de Apoio Domiciliário, moderna e tecnologicamente avançada, é fundamental

para que haja alternativas e complementaridades à institucionalização, seguras e confortáveis.

10 – Considerando que 2011 é o Ano Europeu do Voluntariado que, em nome dos princípios activos de solidariedade, ajude nomeadamente os idosos a manterem a sua cidadania e dignidade.

11 – O Congresso congratulou-se com o tema escolhido: a Intergeracionalidade vista como a necessidade de promover uma relação partilhada e vivida entre gerações que seja o garante da autonomia e da cidadania e se identifique com os valores e missão das Misericórdias. Só assim se poderá mudar de paradigma e confiar nas instituições da Sociedade Civil; mais do que na defesa do Estado Providência ou do Estado Social se apoie na Sociedade Providência.

12 – O Congresso analisou as relações entre o Estado Central e o Estado Local com as Misericórdias, tendo concluído pela necessidade do diálogo e da articulação, única forma de promover um planeamento adequado que aproveite ao máximo as competências de cada uma das partes, os recursos instalados e assegure a sua sustentabilidade. Neste contexto, o Congresso instou os Senhores Autarcas a não encorajarem IPSS que apenas respondem a utilidades transitórias.

13 – Finalmente, o Congresso entendeu endereçar ao Povo Português uma mensagem de esperança e de optimismo. As Misericórdias são instituições que celebram a vida e que sobrevivem há 512 anos porque são modernas, inovadoras, competentes, rigorosas, flexíveis e realistas. Hoje, como há cinco séculos, as Misericórdias de Portugal são parte incontornável da solução dos nossos problemas porque são úteis e vão de encontro às necessidades das pessoas. E é no terreno, com as pessoas e para as pessoas, que se há-de reconstruir Portugal.

V – Sessão Solene de Encerramento do Congresso

A sessão solene de encerramento do Congresso teve lugar na tarde do dia 18 de Junho, na **Mata da Santa Casa da Misericórdia de Arganil.** A ela presidiu o Presidente da República, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, que condecorou a **União das Misericórdias Portuguesas (UMP)**, atribuindo-lhe as insígnias de **Membro Honorário da Ordem de Mérito.** Durante esta sessão de encerramento, a UMP condecorou também com a medalha de «Beneméritos» as seguintes personalidades: **António Fonseca Marcos** (provedor da Santa Casa de Angra do Heroísmo), **José Dias Coimbra** (provedor da Santa Casa de Arganil) e **Mário Cruz** (provedor da Santa Casa do Crato); e com a medalha de **«Mérito de dedicação» : Bento de Sousa Morais** (provedor da Santa Casa de Vila Verde), **Carlos Soares de Matos** (provedor da Santa Casa da Anadia), **Emília Ribeiro Carreiro** (provedora da Santa Casa de Alcafozes), **Eugénio da Silva Lobo** (provedor da Santa Casa de Vouzela), **Francisco da Silva Ferreira** (provedor da Santa Casa de Praia da Vitória), **Jorge Monteiro da Fonseca** (provedor da Santa Casa da Guarda), **José Alberto Oliveira** (director do CDSS de Évora), **José Duarte Lopes** (provedor da Santa Casa de Alvor), **Manuel Joaquim Figueira** (vice-provedor da Santa Casa de Beja), **Maria dos Anjos Patusco** (provedora da Santa Casa de Pernes) e **Vítor Manuel Costa** (ex-provedor da Santa Casa de Vila Flor).

Usaram da palavra nesta sessão o Dr. Manuel Lemos, presidente da UMP, a Dr.ª Helena Freitas , Vice-reitora da Universidade de Coimbra e o Presidente da República cujas intervenções se transcrevem na íntegra:

Palavras do Dr. Manuel Lemos:

«Senhor Presidente da República
As minhas primeiras palavras são para agradecer, em nome das Misericórdias Portuguesas, a presença de V. Ex.ª neste Congresso, nesta linda mata, propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Arganil, o que muito nos honra, valoriza e distingue.
Reunimo-nos em Congresso nestes dias, desde logo porque a situação assim o exige.
Vivemos em Portugal um momento social particularmente grave e todas as previsões anunciam tempos ainda mais difíceis.
Ora, existindo as Misericórdias para ajudar os que precisam, é nestes tempos que a nossa Missão se torna mais importante e crucial.
E como V. Ex.ª bem sabe, sendo a boa vontade e o desejo de ajudar determinantes, hoje só é possível cumprir essa mesma Missão se formos exigentes em sede de austeridade, rigor, competência, inovação e boas práticas.
É um percurso que vimos advogando a partir da UMP para as Misericórdias e é com sentida satisfação que lhe posso assegurar que, de uma forma ou de outra, vivemos uma profunda transformação que se traduz na crescente preocupação com a gestão, alicerçada no recurso a profissionais competentes e qualificados.
Também, por isso, escolhemos como tema central do nosso Congresso a «Intergeracionalidade», hoje, porque talvez mais do que nunca, a partilha de saberes, de vontades e de responsabilidades no tal quadro de rigor que acabei de definir, vão ser determinantes para restaurar nas comunidades a que pertencemos os valores que perdemos e a vontade colectiva de cumprir um Destino e uma História, centrados, sim, no desenvolvimento económico, sim, na criação de riqueza, sim, na retoma do emprego, mas também no desenvolvimento social, mas também na protecção social dos grupos mais desfavorecidos.
Sobretudo na defesa de uma certa ideia de dignidade e de cidadania que esteve na base da construção europeia e da civilização ocidental a que nos orgulhamos de pertencer.
Permita-me que considere que as Misericórdias estão particularmente bem posicionadas para acolher todos os que se revêem nos princípios e valores que constituem a sua cultura institucional; afinal, de uma das mais nobres causas do Humanismo cristão e português.
Com bom senso, com peso e com medida!
Porque, de facto, em sede de respostas sociais, não faz sentido continuar a exigir instalações sumptuosas e desadequadas, com exigências de qualidade que mais nenhum país europeu pratica; como não faz sentido exigir ratios de recursos humanos que são apenas formas disfarçadas de satisfazer interesses de grupo profissionais; como não faz sentido pactuar com o desperdício suportado em preconceitos ideológicos como é o caso do não aproveitamento integral da nossa capacidade de resposta em termos de saúde quando os preços que praticamos se situam, em média, mais de 30% abaixo dos valores praticados pela resposta pública ou das parcerias público-privadas.
Quando o memorando de entendimento entre o Governo da República, a União Europeia e o FMI se refere à necessidade da contenção da despesa e de restauração na prestação de serviços de saúde, vale a pena, de certeza, olhar para a nossa qualidade e para os nossos preços e apostar mais nas Misericórdias de Portugal.
Sobretudo o que mais nos tem custado e nos preocupa, Senhor Presidente, é a falta de planeamento e a ligeireza das decisões que conduzem directamente a gastos desnecessários, à insatisfação das populações e a uma certa ideia de impunidade que parece estar instalada.
Não nos vemos, pois, a solicitar ao Governo mais recursos para fazer o mesmo. Mas acredite que vamos ser insistentes, em sede de relação com o Estado, porque assumindo plenamente a nossa complementaridade com o Estado, é com o Estado que temos de nos relacionar em

primeiro lugar, colocando bem alta a fasquia do diálogo e da reflexão séria sobre as mais diferentes questões.

É neste contexto que gostaria ainda de lhe transmitir a nossa disponibilidade para assegurar que ninguém passe fome e tenha sede, mesmo no auge da crise que vamos viver. Basta pensar na nossa rede de cozinhas que, associada à das outras IPSS`s, cobrem totalmente o País.

Senhor Presidente,

Graças a Deus, não tenho vocação, nem pretendo ser um profeta e, muito menos, um profeta da desgraça; pelo contrário, sou até, por natureza, um optimista: vejo sempre o copo meio cheio.

Mas a vida tem-me ensinado a ser, sobretudo, realista e o que a actual crise me tem demonstrado é que, mais do que o tempo das ideologias, mais do que o tempo da política, temos que ter um tempo de verdade.

Se o dinheiro escasseia, se o desemprego aumenta, se a qualidade de vida baixa, então, abracemos soluções que sejam sérias, fiáveis e económicas.

Ora, as Misericórdias de Portugal, tendo uma tradição e uma prática que justamente assenta nestes princípios, não surpreende que hoje também seja já quase um lugar-comum dizer que as Misericórdias de Portugal são incontornáveis neste primeiro quartel do século XXI, E, se somos incontornáveis e sobrevivemos com vida e força, há mais de 512 anos, é porque escolhemos um rumo para o caminho a percorrer.

E porque temos um rumo, é que procuramos, a cada instante, ajustar as velas na linha do que escreveu William Ward ***«o pessimista queixa-se do vento, o optimista espera que o vento passe, o realista ajusta as velas».***

Não tem sido fácil como bem sabe, mas como temos sido determinados e unidos, os nossos passos têm sido seguros e para diante.

É neste quadro que lhe reafirmamos a nossa ambição, em servir e em ajudar, que é uma ambição saudável alicerçada no trabalho, na dedicação e sem ilusões fáceis.

Como disse na Sessão de Abertura deste Congresso, o nosso nó górdio assenta na dualidade Missão versus sustentabilidade.

Hoje, estamos certos que, se prosseguirmos o nosso caminho de modernização, de inovação, de competência e de realismo, poderemos assegurar o desfazer desse nó. E as conclusões que acabamos de ler serão para todos nós uma carta de marear que norteará a nossa actividade em prol dos que precisam de apoio, conforto e ajuda.

Senhor Presidente da República,

Vossa Excelência tem sido de uma gentileza extrema com as Misericórdias de Portugal e tem tido a bondade de reconhecer, pública e reiteradamente, o nosso papel no quadro da protecção social em Portugal.

Permita-me, por minha vez, que lhe manifeste, não só o suplemento de alma que esse reconhecimento tem sido para nós, bem como o profundo agradecimento pela segurança e conforto que muito tem ajudado os Portugueses nesta crise.

Por tudo isto, a presença de V. Ex.ª neste Congresso, de todos os nossos convidados, dos palestrantes, dos congressistas, dos profissionais da União das Misericórdias Portuguesas, tudo apoiado na maravilhosa organização da Santa Casa da Misericórdia de Arganil e das Misericórdias do Distrito de Coimbra, constituíram um estímulo para o Secretariado Nacional e uma razão acrescida para continuar o trabalho que vimos desenvolvendo.

Que Nossa Senhora das Misericórdias, a Senhora do Manto Grande, nos cubra a todos nós e também a V. Ex.ª com a sua protecção».

Palavras da Doutora Helena Freitas:

Cuidar da floresta portuguesa: um imperativo ético e estratégico

Celebrar o Ano Internacional das Florestas em Portugal é, inevitavelmente, fazer a apologia de uma floresta diferente. A floresta que temos hoje em Portugal está doente; os problemas que a afectam são muito graves, estão identificados e retratam um cenário global de graves disfunções económicas e ambientais. Basta analisar os dados relativos à floresta que arde anualmente, ou avaliar a propagação de graves problemas fitossanitários, para exigirmos uma floresta diferente, uma floresta que reponha o equilíbrio entre a função económica de produtividade silvícola e a conservação de recursos múltiplos que a floresta deve assegurar.

Temos hoje uma floresta dominada por plantações com espécies exóticas, nomeadamente para fins produtivos, feita de explorações desligadas das comunidades locais, sem um papel estruturante em termos demográficos e sociais, e um território gerido sem critérios estratégicos de sustentabilidade ambiental e económica. Os obstáculos são conhecidos: em especial, a estrutura fundiária do espaço rural que favorece o abandono e o desinteresse dos proprietários florestais em cuidar do seu património, dificultando uma gestão da floresta privada, a necessidade de responsabilizar o proprietário florestal pela ausência de gestão da sua propriedade e a ausência de um cadastro florestal nacional. Não há dúvida que estes obstáculos dificultam a aplicação das políticas florestais, e desincentivam o associativismo e a criação de unidades de gestão da propriedade florestal.

Por que vale a pena cuidar da floresta?

São os nossos recursos, é o nosso território, é o nosso ecossistema vital. Da floresta retiramos bens essenciais e muitos serviços cuja importância não valorizamos, como a qualidade do ar que respiramos, a água que bebemos ou os nutrientes que alimentam o solo que é o substrato da vida. Se soubermos estimar e valorizar os ecossistemas florestais, maior será a riqueza do nosso país e maior será a qualidade de vida dos portugueses; é pois um imperativo ético e estratégico mudar o rumo da história silvícola recente. Se revelarmos inteligência para cuidar da nossa floresta e dos nossos ecossistemas naturais, da árvore à mais pequena borboleta, teremos sabedoria para construir um país moderno, mais justo e mais solidário.

Palavras do Presidente da República:

«No encerramento deste Congresso Nacional das Misericórdias Portuguesas quero começar por saudar os seus representantes, Senhores Provedores, Mesários e demais irmãos. É com sentido e profundo reconhecimento pelo vosso trabalho e pela vossa dedicação que me dirijo a este Congresso.

As Misericórdias Portuguesas têm fortes razões para se orgulharem do inestimável contributo que têm prestado e continuam a prestar aos Portugueses e a Portugal.

A sua história de cinco séculos não encontra paralelo em nenhuma outra instituição social que, de forma tão continuada e, ao mesmo tempo, tão decisiva, tivesse contribuído para minorar o sofrimento e a exclusão entre os Portugueses.

Foi no combate à fome, à doença e à exclusão que se forjou esta obra inestimável que integra, de pleno direito, a secular história de Portugal como Estado e como Nação.

Curiosamente, foi no contexto da construção dos pilares do moderno Estado português que a Obra das Misericórdias se lançou e expandiu, por iniciativa da Rainha D. Leonor.

Nessa altura, houve consciência clara de que a afirmação do Estado não era incompatível nem concorrencial com a organização autónoma das Misericórdias.

Pelo contrário, Estado e Misericórdias só tinham a ganhar com a acção complementar e cooperante.

Se o Estado moderno foi obra de monarcas e de elites, a vasta rede de Misericórdias que se estruturou à escala nacional, foi obra dos portugueses, do s homens bons das cidades e das vilas que, através da sua dedicação e do espírito

de solidariedade, criaram uma das instituições mais importantes da nova sociedade.

Ao longo destes cinco séculos de história comum, nem sempre o desejável espírito de cooperação e a autonomia institucional foram respeitados. Há que reconhecê-lo.

Já na vigência do actual regime democrático, essa relação, que deveria ser de confiança e de partilha na busca de soluções para os problemas que afectavam a população portuguesa, foi fortemente abalada pela concepção estatizante de alguns governos.

O que se passou no domínio dos cuidados de saúde é um bom exemplo dessa quase obsessão de tudo sujeitar à tutela e à administração directa do Estado.

As consequências desses excessos são hoje sobejamente conhecidas.

Perdemos muitos anos a recriar o que já estava criado, a recuperar experiência e competências que já existiam, a esbanjar recursos que poderiam ser canalizados para domínios mais carenciados e de maior urgência social.

Felizmente, tomou-se consciência dos erros e, lenta mas pragmaticamente, foi-se arrepiando caminho.

A recente celebração de um protocolo entre as autoridades de saúde e um considerável número de misericórdias portuguesas, visando a contratualização de serviço público por parte destas, é um passo que me apraz assinalar. Esse passo pode representar uma valorização significativa do sistema nacional de saúde, tornando-o mais eficaz, com maior qualidade de serviço e maior satisfação dos utentes.

Temos de reinventar o conceito de serviço público, nomeadamente na diversidade das áreas sociais. Um novo conceito que atenda mais à necessidade de dar uma resposta rápida e adequada aos crescentes problemas sociais da população portuguesa, do que ao respeito de uma visão ideológica que os tempos tornaram obsoleta.

As dificuldades financeiras e de crescimento da economia para os próximos anos deveriam convidar-nos a pensar de forma objectiva e desapaixonada nos desafios de emergência social que já estamos a enfrentar.

São conhecidas as dificuldades de funcionamento do Estado, bem como os constrangimentos decorrentes da crise financeira que obrigarão, em maior ou menor proporção, à contenção da despesa social.

Entretanto, são tão ou mais conhecidas e sentidas as dificuldades crescentes que afectam entre 2 a 3 milhões de portugueses. Destes, uma grande parte sofre, ou está em risco de vir a sofrer, as consequências típicas das situações de emergência social.

Crianças, jovens, desempregados, deficientes, doentes crónicos, idosos, famílias inteiras em situação de privação material ou de exclusão social grave esperariam, nesta conjuntura, um redobrar de atenção e do apoio por parte do Estado, precisamente quando este enfrenta as maiores dificuldades em manter os níveis e os mecanismos de protecção social.

São cada vez mais os que necessitam de ajuda e são cada vez menos os recursos que o Estado lhes pode distribuir.

Esta é a indesejável e triste situação que temos de enfrentar.

Só os Portugueses e as suas instituições de solidariedade social poderão atenuar os efeitos desta calamidade social que não pára de tocar um crescente número de cidadãos.

Os senhores, enquanto responsáveis pelas misericórdias portuguesas, sabem do que estou a falar. Conhecem o dia-a-dia desta luta e as dimensões que esse fenómeno está a atingir. Vivem directamente as histórias de sonhos desfeitos, de ilusões destroçadas, de vidas que não encontram futuro, do presente insuportável para a dignidade pessoal que muitos teimam em manter.

Sabem todos do que é que estou a falar.

Por isso vos peço que não baixem os braços, que não desistam perante a adversidade e o avolumar dos problemas das vossas instituições.

Transmitam a todos quantos trabalham nas vossas creches, nos vossos lares, nos vossos hospitais, nos vossos refeitórios, o quanto confiamos na dedicação, na capacidade de ajudar quem vos procura, no inestimável contributo que têm vindo a dar para que os Portugueses mantenham a esperança num futuro melhor».

António Amorim

Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva (Presidente da República) no uso da palavra na Sessão de Encerramento do congresso

A importância da economia social na promoção do desenvolvimento sustentado – algumas reflexões

Saúdo, em primeiro lugar, o X Congresso Nacional das Misericórdias Portuguesas, instituições centenárias reconhecidas pela sua obra ao longo dos tempos e, no presente, pelo seu trabalho em diversas áreas das quais destaco as do envelhecimento demográfico, da saúde, da infância e juventude, do combate à pobreza e da defesa e salvaguarda da sua cultura e vasto património.

As famílias que integram a Economia Social – Misericórdias, Organizações Mutualistas, Cooperativas, Associações de raiz social ou de desenvolvimento local, IPSS e Fundações – têm uma inquestionável relevância na economia e na sociedade portuguesa.

Hoje mais do que nunca a economia social carece de ser potenciada, sem perder de vista a autonomia de cada uma das suas famílias, através de um conjunto de medidas entre as quais se inclui a criação de parcerias entre o Estado e as organizações representativas do sector.

Foi o caminho trilhado com a criação da **Cooperativa António Sérgio para a Economia Social** institucionalizando o sector da economia social através de uma original partilha de responsabilidades entre o poder público e as organizações privadas do «sector cooperativo e social», consagrado na Constituição da República.

Queria começar por dizer que é minha convicção que a época que vivemos, portadora de uma crise profunda do sistema económico e financeiro, tendo revelado, de forma brutal, uma crise de consciência e de valores, é também uma época de novas esperanças e oportunidades. E, por isso, estou dando testemunho.

Na minha qualidade de Presidente da Direcção da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES) compete-me assinalar que este sector é muito vasto e enraizado na sociedade portuguesa, desempenhando um papel relevante no desenvolvimento socioeconómico do país, ao contrário do que o discreto perfil da sua intervenção pública possa fazer crer.

Trata-se, na verdade, de uma rede nacional de organizações da qual fazem parte as misericórdias, as cooperativas, as mutualidades, as fundações e uma multiplicidade de associações, tais como as IPSS e as associações de desenvolvimento local e regional, com mais de 10000 entidades que empregam milhares de trabalhadores e nas quais se encontram associados milhões de cidadãos (cooperadores, associados, utentes, clientes…).

Como dizem os franceses *«sans chiffres, pas de politique»* o que é mesmo verdade, como os debates políticos contemporâneos exemplificam à saciedade, e por essa razão a economia social carece de se conhecer a si própria como sector e de ser conhecida, com rigor, pelo lado estatístico. Por isso estamos a trabalhar com o INE na construção da Conta Satélite da Economia Social e também, no âmbito de uma parceria com o CIRIEC Portugal, na criação de um Observatório Nacional da Economia Social.

Pois a economia social não se situa à margem da economia real, nem é um mero amortecedor dos efeitos das crises quando elas emergem, ameaçando os paradigmas de desenvolvimento económico-social vigentes na nossa sociedade, nem é, do meu ponto de vista, uma nova economia, como alguns preconizam, ou seja, uma radical alternativa ao modelo da chamada economia de mercado.

A economia social é, voltando ao básico, uma realidade que encerra um conjunto diversificado de respostas às necessidades sentidas pelos cidadãos e comunidades, através de organizações, com autonomia face aos poderes públicos, buscando respostas para a satisfação das suas necessidades.

É uma faceta da economia e da sociedade, fundada na livre associação dos cidadãos, diria na sua auto-associação que, podendo rivalizar, não se separa nem se antagoniza com a economia de mercado nem com o Estado.

Pode e deve ser, por ela própria, pela diversidade e flexibilidade das respostas que permite gerar, uma realidade autónoma, potenciadora na busca incessante de novas formas de resposta a novos desafios, associando, as mais das vezes, tradição e inovação.

Representa um contributo significativo para a riqueza nacional, para a criação e manutenção de emprego, constituindo uma autêntica «constelação de esperanças», na feliz formulação de Rui Namorado, podendo congregar um enorme potencial de recursos na luta contra a crise económica, a pobreza e pela igualdade de oportunidades.

A economia social, designação consagrada pela UE, é um sector aberto no qual se discute o próprio conceito, sendo denominado, conforme os continentes, regiões e países como «economia social», «economia solidária» ou «terceiro sector».

As organizações da economia social, abarcando os subsectores do mercado e do não mercado, não se deslocalizam, estão enraizadas nas comunidades locais e regionais, produzem bens e serviços, assegurando a perenidade dos princípios da cooperatividade e da solidariedade, e possuem as seguintes características comuns: não são públicas; estão organizadas formalmente; possuem autonomia de decisão; a filiação nelas é livre; a eventual distribuição de excedentes entre os filiados/usuários não é feita proporcionalmente ao capital ou quotizações dos membros, mas sim em função da sua actividade ou participação no seio da organização; a actividade económica visa satisfazer as necessidades dos seus filiados e o funcionamento interno rege-se por princípios democráticos.

É conhecida a perseverante situação das mais gritantes desigualdades sociais no nosso país que reclamam a concretização de políticas que atenuem os seus efeitos nefastos. As desigualdades são uma expressão da divisão clássica entre dois mundos, o dos ricos e o dos pobres, e das suas representações pelas instituições, financeiras, académicas, políticas e mediáticas, como se ambos fossem, inevitavelmente, opostos e, perpetuamente, incontornáveis.

Não creio nem na inevitabilidade da pobreza, nem na perdurabilidade da riqueza. Todos os mundos se cruzam, ora acentuando os factores de exclusão, extremando-se os campos nos quais se acantonam os seus arautos, ora aproximando-os quando, pela acção da natureza ou do homem, se encontram pobres e ricos fazendo frente aos dramas da condição humana.

Só somos verdadeiramente autênticos quando formos capazes de reflectir, colectivamente, acerca dos novos caminhos, das novas oportunidades, que em cada época se abrem diante dos nossos olhos.

Seremos então capazes, por entre diferenças e desigualdades, de descobrir as virtualidades de alguns conceitos que asseguram a esperança do sucesso da luta contra as injustiças que se escondem por detrás da pobreza.

Não que acreditemos num mundo sem diferenças e na igualdade como ideal que conduz à felicidade, pois a experiência histórica se encarregou de nos desiludir acerca da bondade absoluta desse caminho. Mas porque acreditamos que é possível lutar, com realismo, pela igualdade de oportunidades, pela ética na gestão das empresas e das instituições, em liberdade e com responsabilidade.

Sabemos, por experiência própria e alheia, nacional e internacional, que a economia social e as suas organizações representativas dispõem de um enorme potencial para con-

tribuir, apoiados nos seus princípios, tradição e enraizamento na sociedade, para o combate à pobreza, pelo desenvolvimento sustentável, criando emprego e promovendo a coesão e a responsabilidade sociais.

O «desenvolvimento sustentável» é muito simples de enunciar: o «*desenvolvimento sustentável» pretende promover o consumo/utilização dos recursos disponíveis, pelas gerações actuais, para que as gerações futuras ainda possam viver usufruindo deles».*

Mais do que deixar às gerações futuras a possibilidade de responder às suas necessidades, cabe à geração actual tudo fazer para melhorar essa capacidade, promovendo um desenvolvimento efectivamente equilibrado, onde a promoção do capital natural, a par do económico e social, equacionados em pé de igualdade, permitam uma efectiva melhoria da qualidade de vida da sociedade em geral e de cada indivíduo, em particular.

Trata-se de não gastar todo o «capital natural» que nos foi legado pelos nossos antepassados, na roleta de um consumo imediato e irracional, sob pena de se perder o capital humano.

Por outro lado, no âmbito da economia social, as organizações assumem a Responsabilidade Social. E fazem-no porque o seu modelo de gestão assenta numa filosofia que desde sempre foi responsável, valorizando a realização pessoal, promovendo o desenvolvimento, a coesão e o bem-estar social.

É, pois, por questões de origem, de conceptualização e de praxis que a responsabilidade social é um elemento natural destas organizações.

No âmbito das reformas na área da economia social, no decurso do ano de 2010, foram criadas, em Portugal, duas organizações que correspondem a um novo modelo de relacionamento do Estado com as suas organizações: a Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES), que sucedeu ao Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo (INSCOOP), e o Conselho Nacional para a Economia Social (CNES), órgão de consulta do governo para as questões da economia social.

Esta recente reforma institucional pretendeu encetar um caminho de mudança profunda no relacionamento entre o poder público, a economia social, e suas organizações, representando a assumpção pelo Estado da importância política e da relevância económica e social deste sector. Claro está que muito mais há por fazer no próximo futuro.

A Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES) constitui-se como uma parceria entre o poder público (o Estado) e as mais relevantes entidades da economia social. A CASES assumiu, assim, a forma jurídica de régie cooperativa – cooperativa de interesse público – na qual se associaram o Estado e na fase inaugural, encetada a partir de 14 de Fevereiro de 2010, 6 organizações privadas: CONFECOOP, CONFAGRI, ANIMAR, CNIS, UMP e UMP.

O «sector cooperativo e social», hoje abrangido pela designação de economia social, nos seus diversos sectores, através de mulheres e homens que lhe dedicam o seu tempo e esforço, as mais das vezes voluntário, merece mais do que a consideração de palavras de circunstância.

Mais do que uma dádiva é uma obrigação que o Estado lhes reconheça o trabalho em prol do desenvolvimento das comunidades em que se inserem honrando o próprio compromisso constitucional.

Em Portugal a economia social carece de ser apoiada e reconhecida nos planos, institucional, legal e público. É essa a nossa tarefa e o nosso compromisso também perante as suas organizações, por entre desafios e dificuldades, dando continuidade a uma tradição que vem de longe e tem futuro.

A CASES reconhece ser da maior importância **estimular o potencial da economia social e das suas organizações, no plano institucional e prático, em prol do desenvolvimento socioeconómico do país.**

Esses objectivos têm que ser prosseguidos em torno dos seguintes eixos estratégicos:

Eixo institucional e legal. Contribuir para colocar a Economia Social e as suas organizações na agenda da política nacional, em consonância com as grandes linhas de política da União Europeia para o sector consagradas, entre outros documentos, na Revolução do PE aprovada em 19 de Fevereiro de 2009 e publicada no JOUE em 25 de Março de 2010. Este relatório apela ao reconhecimento legal do sector da economia social a nível europeu; exige o reconhecimento estatístico a nível dos Estados Membros e da União Europeia; encoraja a participação das componentes da economia social no diálogo social europeu e pugna pela criação de condições que facilitem os investimentos na economia social , ao mesmo tempo que reconhece deverem ter as empresas de economia social um tratamento fiscal próprio. A reforma da legislação de enquadramento do sector da economia social tendo em vista a sua modernização constitui uma resposta às exigências da actual situação socioeconómica do país.

Eixo do reforço da aliança entre o Estado e as organizações de Economia Social no contexto da sua modernização correspondendo à disposição constitucional que consagra o «sector cooperativo e social», a par dos sectores público e privado, como um dos pilares da organização económico-social do Estado e um dos sectores de propriedade dos meios de produção, nos termos do disposto na alínea f) do art.º 80.º e no n.º 4 do art.º 82.º da Constituição da República Portuguesa. Trata-se, na prática, de concretizar essa aliança congregando a vontade modernizadora do Estado e a capacidade das organizações do sector da economia social de desenvolver, no interior das economias de mercado, dinâmicas tendentes à resolução de problemas, numa base de proximidade, revitalizando modelos de interacção entre o Estado, a sociedade civil organizada e o mercado. Para o desenvolvimento deste processo será relevante a colaboração mútua entre as organizações da economia social e as entidades financeiras de raiz mutualista, cooperativa e social que em Portugal têm a sua expressão mais significativa no Montepio Geral, Caixa Central e Banco Português de Gestão.

Eixo do apoio ao desenvolvimento da economia social através de um conjunto de programas, medidas e acções destinados a promover, no contexto da crise profunda do sistema económico e financeiro de raiz financista, que revelou também, de forma brutal, uma crise de consciência e de valores, a criação de oportunidades para a modernização do sector, que cada organização protagonista do mundo da economia social poderá, através da sua iniciativa e acção, aproveitar para a criação de um novo paradigma de desenvolvimento sustentável da nossa sociedade. Neste eixo se integra o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Economia Social (PADES) que, mais do que um conjunto de apoios desde há muito reclamados pelas organizações de sector, deverá representar um sinal de ruptura com as políticas públicas que subalternizaram, sem demérito pelas excepções, as virtualidades e importância económica e social do sector no nosso país.

Eixo de promoção e apoio ao empreendedorismo social através da criação de novos programas que estimulem a capacidade empreendedora dos cidadãos e das organizações, criando mecanismos legais e operacionais destinados a incentivar a iniciativa na área social de que é exemplo o «Programa Nacional de Microcrédito» cuja coordenação e acompanhamento foi cometido à Cooperati-

va António Sérgio para a Economia Social, a criação da Incubadora Social de Lisboa, em parceria com Câmara Municipal de Lisboa e um estudo de viabilidade de criação de uma Banca Ética.

O desafio que se nos coloca é comum a todos os cidadãos nas sociedades contemporâneas abertas num mundo em mudança: ou nos conformamos a ser sobreviventes de um passado sem futuro ou ousamos rasgar novos caminhos criando oportunidades para que a inovação, a criatividade e a iniciativa sejam reconhecidas como um valor inestimável.

Eduardo Graça
(Presidente da CASES)

Atividades dos Equipamentos Sociais

Lar de Terceira Idade

PASSEIOS SEMANAIS

Ao longo do presente ano, temos mantido uma das actividades semanais que mais agrada aos nossos utentes: os passeios semanais, realizados às Segundas e Terças-feiras, com destinos sempre variados e, sempre que possível, escolhidos pelos próprios utentes.
Embora não sejam passeios muito demorados, mostram-se sempre bastante prazenteiros para todos os que os integram.

GRUPO CORAL

Semanalmente e na maioria das vezes, antes da realização da Eucaristia Semanal, os elementos que compõem o Grupo Coral dos utentes reúne-se e ensaia, entusiasticamente, os cânticos que entoarão na cerimónia religiosa que se realizará de seguida ou nessa semana.
Ocasionalmente, quando é solicitada a participação do nosso Grupo Coral em alguma festa promovida por este Lar de Terceira Idade é comum que os ensaios se intensifiquem mais, com o nosso querido Mesário do Culto, Sr, António Lima, sempre a apoiar-nos e a abrilhantar as nossas actuações.

TERTÚLIA, DINÂMICAS DE GRUPO E SESSÕES DE TREINO COGNITIVO

Sessão de Tertúlia

Continuamos sempre empenhados e a trabalhar … por isso, várias vezes por
semana, são realizados, com diferentes grupos de utentes, ora a Tertúlia, ora Sessões de Treino Cognitivo ora Dinâmicas de Grupo. Actividades essas que objectivam entre outros aspectos, a manutenção e/ou desenvolvimento de competências. É grande o empenho que os nossos utentes apresentam no que concerne à participação e realização das actividades que lhes são propostas nas enunciadas sessões.

ACTIVIDADE FÍSICA

Aula de Ginástica na companhia dos meninos do Instituto de São José

Como forma de assegurar a manutenção da capacidade músculo-esquelética dos nossos utentes, estes são estimulados através da realização de exercícios adequados às suas capacidades/necessidades, duas vezes por semana – e, para surpresa de todos numa das aulas (no dia 5 de Fevereiro) tivemos o prazer de receber uns convidados muito especiais… um grupo de meninos do Instituto de São José quiseram vir aprender um bocadinho connosco. Obrigada a todos pela presença. Aguardamos a próxima visita.

PRAIA – PRIMEIRA QUINZENA DE AGOSTO

Verão…Vila do Conde…**Praia**…naturalmente que os nossos utentes não dispensaram uma quinzena de idas diárias à praia. Bons momentos em dias solarengos passados à beira-mar.

CARNAVAL – 4 DE MARÇO

Dia de Carnaval do Lar de Terceira Idade

Aqui estávamos nós, utentes e funcionários preparadíssimos para mais um bailarico…e desta vez foi o Carnaval que serviu de mote para a realização do mesmo.
Entusiasmo e alegria não faltaram…o divertimento foi uma constante…abaixo deixámos o comprovativo de que esta foi uma realidade.

CELEBRAÇÃO DA SANTA UNÇÃO – 1 DE ABRIL

A Santa Unção é um dos Sete Sacramentos do Novo Testamento, instituído por Cristo Nosso Senhor, recomendado aos fiéis e promulgado por S. Tiago, apóstolo e irmão do Senhor, com estas palavras:
"*Algum de vós está doente? Chame os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o confortará, e, se tiver pecados, ser-lhe-ão perdoados*." (Tg 5, 14-15)

CELEBRAÇÃO PASCAL – 20 DE ABRIL

Ofertório na Eucaristia de Páscoa

Para os católicos, a festa da Páscoa assume-se como a mais importante do seu calendário litúrgico. Daí que, para a celebrar, foi realizada uma Eucaristia Solene, que contou com a participação activa de muitos dos nossos utentes e funcionários, na Quarta-Feira Santa.
Senhor Jesus, aos Teus pés eu aprendo o que é importante…a ternura, a compaixão, o acolhimento, a disponibilidade, o interesse pelas outras pessoas...Ajuda-me a fazer da minha vida perfume que enche a casa daqueles que amo.

DIA DE NOSSA SENHORA – 13 DE MAIO

Já começa a ser tradição no nosso Lar de Terceira Idade a Meditação Solene do Terço neste dia tão importante, em honra da nossa Mãe do Céu. Por isso, este ano também não foi excepção. Juntos, rezámos, fizemos pedidos, agradecemos bênçãos…e escrevemos todos individualmente, um bilhetinho que entregamos a Nossa Senhora com aquilo que sentimos no nosso coração e Lhe quisemos expressar.

22º ANIVERSÁRIO DO LAR DE TERCEIRA IDADE – 1 DE JUNHO

Parabéns ao nosso Lar…uma salva de palmas. Não poderíamos deixar de comemorar o dia de aniversário do nosso Lar de Terceira Idade e, para tal, realizámos uma Eucaristia de Acção de Graças. Para
a concretizar, utentes, familiares, funcionários e amigos deste Lar uniram os seus valores e, cada um deu o seu melhor contributo para agradecer a Deus as graças que nos tem dado enquanto "Pedras Vivas" deste Lar de Terceira Idade.

Edificio do Lar de Idosos

SÃO JOÃO – 22 DE JUNHO

Aceitando de bom grado o convite formulado pelo nosso Centro de Apoio e Reabilitação de Pessoas com Deficiência de Touguinha, fomos festejar o São João com muita alegria e divertimento. No jogo de futebol não participámos,…mas fizemos parte de uma claque muito entusiástica… já nos restantes jogos disponibilizados, puderam todos apreciar a nossa destreza e perspicácia.

PASSEIO ANUAL – GERÊS – 19 DE JULHO

O dia amanheceu radioso, tal como a disposição de todos os que se preparavam para mais um passeio. Desta vez o destino era o Gerês. Foi uma animação, foram variados os pontos turísticos visitados. Agora, aguardamos ansiosamente o próximo Verão para termos mais um destes dias totalmente dedicados ao lazer e à sã convivência.

Passeio Anual dos Utentes - Gerês

DIA DOS AVÓS – GONDOMAR – 26 DE JULHO

Convívio do Dias dos Avós

O Dia dos Avós serviu de mote para que, mais uma vez nos juntássemos, fôssemos dar um passeio e conviver com outras pessoas.
Foi uma tarde muito bem passada no Pavilhão Multiusos de Gondomar, em que cantámos, vimos um espectáculo…enfim, mais um dia em que tivemos oportunidade de passar momentos muito agradáveis.

Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência

Visitas escolares à Aldeia do Natal "Touguilândia"

JANEIRO

Começámos o Ano Novo cheio de entusiasmo e com muitas expectativas, pois temos tanto para construir ao longo de mais um ano.
No dia 6, Festa dos Reis Magos, recebemos as últimas escolas que visitaram a nossa **Aldeia de Natal "Touguilândia"**. Todos gostaram imenso das brincadeiras de Natal, de andar de trenó e do convívio. Foi um divertimento e para o ano prometeram voltar. Para o próximo Natal já temos algumas ideias novas…
Os nossos desportistas começaram em alta o novo ano, conseguindo brilhantes resultados, no dia 18, no **Campeonato de Basquetebol** na Póvoa de Varzim e no dia 25, no **Campeonato de Natação** em Felgueiras.

FEVEREIRO

Grupo que compõe o rancho do centro

Depois de alguns anos de inactividade, eis que **o nosso Rancho está de volta** e com muito entusiasmo! No dia 1 começaram os ensaios! Está a ser um sucesso. Já temos convites para actuações. Quem estiver interessado deve contactar os nossos "agentes"…
Os nossos utentes gostam muito de praticar desporto; neste sentido temos tido a preocupação de proporcionar-lhes as condições necessárias, com treinos e um leque alargado de oferta: no dia 8, realizou-se em Touguinha a **1ª Jornada do Campeonato Regional de Ténis de Mesa**, com três dos nossos atletas nos

Prova de Ténis de Mesa

primeiros 4 lugares; nos dias 11 e 18, participámos no **Torneio de Boccia** no MAPADI, Póvoa de Varzim, com duas equipas, chegando um par às meias-finais e outra à final; no dia 17, teve lugar a **1ª fase do Campeonato Nacional de Futsal Adaptado**, em Vila do Conde, onde conseguimos um segundo lugar, sendo por isso, apurados para a fase seguinte; no dia 23, participámos no **6º Torneio de Atletismo Adaptado em Pista Coberta**, em Braga e no **Torneio de Natação "MAPADI"**, com bons resultados. Parabéns aos campeões.
No dia 13, o nosso **Grupo de Dança Coreografada** foi convidado para actuar no Infantário Santo António, na Póvoa de Varzim. A nossa actuação foi muito aplaudida. "Quebrado o gelo", todos dançaram sem parar, juntos! Mais uma vez, "Abraçamos a Diferença"!
Nos dias 22 e 24 tivemos a **visita de 5 Jardins de Infância do Agrupamento de Macieira**. Depois dos primeiros olhares tímidos, rapidamente se estabeleceu uma empatia forte com os nossos utentes, com alegria e com jogos muito divertidos. Eles prometeram voltar e nós prometemos ter os braços abertos à sua chegada.

MARÇO

Espírito Carnavalesco no centro

O **Dia de Carnaval** é esperado com muita ansiedade pelos nossos utentes; nesse dia, os índios andaram à solta com muitas partidas à mistura. A diversão foi o lema deste dia, com muitas brincadeiras de Carnaval.
O **Dia da Mulher** não passou em claro no nosso centro. Os rapazes fizeram um mimiminho às senhoras, para demonstrarem o quanto as apreciam e admiram. Agradecemos, sentidamente a todas as Mulheres, pelas suas mãos transformadoras, pelo seu coração que ama incondicionalmente, pelo seu colo reconfortante.
No **Dia do Pai**, convidámos os nossos papás para um convívio, seguido de lanche. Como são grandes os pais que estão sempre ao lado de seus filhos. O seu ombro dá-nos alento e confiança.
No dia 21, **Dia Mundial da Árvore**, iniciámos a Primavera. Preocupámo-nos com as questões ambientais; por isso, os utentes realizaram trabalhos alusivos ao tema que utilizaram para colocar na Laranjeira que foi plantada pelos mesmos. Foi uma tarde divertida e quente… um autêntico dia de Primavera!
Os nossos atletas continuam a treinar-se com entusiasmo para as competições: no dia 15, participámos no **Corta-Mato Regional do Norte**, em Cabeceiras de Basto; no dia 22, teve lugar o **Torneio de Futsal no MAPADI**, onde conseguimos a proeza de empatar a 1 golo com uma das equipas do torneio nacional; no dia 23, foi a vez do **Torneio de Natação do Norte de Primavera**, em Penafiel; também no dia 23, decorreu o **Campeonato Nacional individual** BC1 e BC2 de Boccia, em Oliveira de Azeméis, com o Pedro José (BC1) e João Paulo em (BC2), a alcançarem o 8º e 20º Lugares no Ranking Nacional da Zona Norte; por fim, no dia 29, decorreu a **2ª Jornada do Campeonato Regional do Norte de Ténis de Mesa**, em Vila Nova de Gaia, com excelentes prestações.

Campeonato Nacional Individual de Boccia BC1

ABRIL

No dia 19, celebrámos a **Festa da Páscoa**, no nosso Centro, a festa mais importante para os cristãos. Iniciámos o dia com a Eucaristia,

Eucaristia da Festa de Páscoa do Centro

animada por utentes e funcionários, seguida de um almoço. Os convidados assistiram com muito gosto e atenção à Via Sacra representada pelos nossos utentes e funcionários, com a mensagem central a frase de Jesus: "O que fizestes a um destes pequeninos foi a mim que o fizestes". Em cada estação, Jesus foi representado por um utente diferente, precisamente para lembrar que, hoje, Jesus está presente em cada um deles. Parabéns a todos os que ajudaram a realizar esta festa tão bonita.

Representação da Via Sacra ao vivo

Foram várias as provas em que os nossos atletas participaram este mês, com entusiasmo, empenho e bons resultados: nos dias 9 e 10, realizou-se o **Campeonato Regional BC3**, em Felgueiras, com o Elísio a conseguir a proeza de passar aos 1/8 de Final; no dia 11, teve lugar a **3ª Jornada do Campeonato Regional do Norte de Ténis de Mesa**, em Penafiel; no dia 12, decorreu a **2.ª fase do Campeonato Nacional de Futsal**, na Póvoa de Varzim, com a nossa equipa a alcançar um honroso 3º lugar: no primeiro jogo conseguiram anular o favoritismo da equipa de Gaia (Campeã Nacional) marcando em primeiro lugar e, só na segunda parte é que a equipa adversária deu a volta ao marcador com um 1-2; no jogo seguinte obtiveram uma vitória por 3-0 contra a equipa de Gondomar.

MAIO

Foi com carinho que celebrámos o **Dia da Mãe**, este dia tão especial. Como nos demais anos recebemos de braços abertos as mães que, com ternura, mimaram os nossos utentes. Obrigado mamãs, o vosso colo é único!
No dia 20, teve lugar no Auditório da Câmara Municipal, a 9ª edição do espectáculo **UM OUTRO OLHAR**. Foi com muita alegria que

Representação peça teatral "A Magia dos Abraços" em Um Outro Olhar

utentes e funcionários se juntaram para levarem a palco um Musical repleto de cor, vida e sentimento, que nos fez ficar a todos com a lágrima no canto do olho. Foram semanas de trabalho árduo, muitos sacrifícios, mas acima de tudo muitos sorrisos alcançados por uma vontade de fazer sempre mais e melhor. A expectativa para a chegada do grande dia era grande, até porque para muitos seria a primeira vez que pisavam o palco; mas a actuação correspondeu na medida perfeita.
As actividades desportivas continuam em força, com os nossos utentes muito em forma e com excelentes resultados nas provas disputadas: no dia 12, teve lugar o **Campeonato Regional de Atletismo**, em Fafe; no dia 17, decorreu o **Campeonato Regional de Natação**, em Espinho; dia 19, disputou-se a **4ª Jornada do Campeonato Nacional de Ténis de Mesa**, em Vila do Conde; no dia 31, Dia da Misericórdia, realizou-se a VIª Milha da Misericórdia de Vila do Conde na Rua D. Leonor de Vila do Conde que ficou vestida de música e alegria. As provas deram sabor à festa. Todos os atletas correram como campeões, por isso, estão todos de parabéns.

JUNHO

O **Dia Mundial da Criança** é vivido com entusiasmo pelos nossos utentes, assim como o teatro é uma das actividades mais apreciadas por eles; assim, um grupo de funcionários e utentes prepararam uma representação: "A Senhora Marquesa" com a presença de algumas crianças do Centro Social em Macieira! Foi muito divertido, com gargalhadas contagiantes. O nosso Rancho Folclórico também teve uma actuação brilhante.
No dia 8, fomos visitar a **Escola Profissional Agrícola Conde S. Bento**, em Santo Tirso. Visitámos as vacarias, os pavilhões dos animais em cativeiro, onde segurámos em répteis… Socorro! Também confecionámos queijos frescos, passeámos junto ao rio, visitámos as estufas e todas as plantações e fomos conhecer a Adega! Oh, oh! Foi um dia excelente!
No dia 11, participámos no **1º Festival da Diferença**, na Maia, organizado pela Associação "Criança Diferente". O objectivo passava por reunir várias Instituições como forma de sensibilização da sociedade. Nós contribuímos com duas actuações muito apreciadas: "A lição do Tonecas" e "A Magia dos Abraços". O convívio foi ótimo e esperámos regressar outra vez.
Nos dias 10 e 11, participámos nos **Jogos de Portugal**, que decorreram em Leiria/Coimbra, com três modalidades: Ténis de Mesa, Futsal e Boccia. Foi uma experiência muito enriquecedora e os nossos atletas estavam radiantes com o convívio. Todos se "atropelavam" para contar as novidades!
No dia 18, realizou-se a **Final do Campeonato Regional Adaptado do Norte,** em Ténis de Mesa, em Penafiel, com os seguintes resultados: 1º Rui Ramalho; 2º Jorge Ferreira; 4º Manuel Carvalho e em feminino, o 3º lugar da Salete.
A **Festa de S. João** foi muito animada no nosso centro: o dia começou com um jogo de futebol entre utentes e funcionários. Os utentes levaram a melhor, claro! De seguida o caldo verde, as sardinhas assadas com pimentos e a broa fizeram as delícias de todos. De tarde, foram entregues os prémios do Concurso de **Quadras de S. João**. Os jogos populares continuaram a festa. No final, já com as baterias gastas, retemperámos energias com um lanche especial. Valeu a pena.

Equipa de Futsal do centro nos Jogos de Portugal

Uma das provas do Dia Olímpico: "Corrida a Cavalo"

No dia 27, fizemos a comemoração do **Dia Olímpico "Olimpíadas Touguilândia 2011"**. Realizaram-se diferentes provas. Foi um divertimento de princípio a fim. Todos de forma unânime ao dizer que "temos que repetir". Quem perdeu disse que a culpa "foi dos árbitros"! Fizemos uma pausa para um lanche apetitoso seguido de uma sessão de cinema para finalizar um dia em cheio. Valeu a pena!

Registo da comemoração do Aniversário do centro de Touguinha

JULHO

No dia 07, comemorámos o **16º Aniversário da Inauguração do nosso Centro**. As famílias encheram os espaços do nosso centro e o coração dos nossos utentes. Famílias, utentes e funcionários, juntos, divertimo-nos até às gargalhadas com tantas brincadeiras, no Concurso 1,2,3. Foi uma tarde extraordinária. Vale a pena, quando estamos todos a remar na mesma direcção.

No dia 14, fizemos o nosso **Passeio Geral a Viana do Castelo**. Bem cedo, partimos entusiasmados e não regressámos defraudados; Viana é, de facto, uma cidade muito bonita. Foi um dia em grande!

Quem não valoriza uma amizade? O dia 20, **Dia da Amizade** foi, por isso, um dia muito especial de convívio entre utentes e funcionários, onde não faltaram as brincadeiras, as bifanas, o pão com chouriço e muita amizade. "Os amigos são como as estrelas: nem sempre os vemos, mas sabemos que estão lá, sempre". No final do dia teve lugar um convívio para funcionários, muito animado. Apesar das diferenças entre todos, estamos empenhados no mesmo projecto de melhorar a qualidade de vida dos nossos utentes, todos os dias.

AGOSTO

Este mês, com as férias do Centro de Actividades Ocupacionais (C.A.O.), temos mais tempo para outras actividades: aproveitámos o sol para ir à **Praia e almoçar na mata**, visitas à **Feira do Artesanato** de Vila do Conde,

Carrinho de rolamentos do Grande Prémio de Fórmula 1

pic-nic, cinemas em Videoprojector, passeios, jogos populares, leituras de verão, etc.

No dia 03, teve lugar o **Grande Prémio de Fórmula 1 em Touguilândia**, com carrinhos de rolamentos montados no centro. Foi um autêntico sucesso. Com uma pista construída para o efeito, todos tiveram a oportunidade de dar uma voltinha e mostrar as habilidades. Toda a gente se divertiu e anseia o próximo grande prémio.

Brincadeiras do Jogo do Ganso

No dia 10, utentes e funcionários, fizemos um mega jogo de **Matraquilhos Humanos**, muito divertido; no dia 12 fomos passear a Braga e ver o filme "**Os Caçadores de Dragões**"; no dia 17 foi a vez de fazermos um **PediPapper** muito engraçado; no dia 24 fizemos o **Jogo do Ganso**, com muitas brincadeiras à mistura; dia, 26, preparámos um "mega pic-nic" nos nossos jardins, com coisas deliciosas e animação; no dia 29 saímos em **peregrinação** a Balasar, expressando a nossa fé; no dia 30, divertimo-nos em grande com muitas brincadeiras no **Parque Aventura de Azurara**… até as pilhas acabarem. Valeu, valeu!

De salientar, ainda, o magnífico **Torneio de Matraquilhos**, que ocorreu entre os dias 23 e 29. Todos os jogos iam revelando autênticos artistas e alguns "pontapés na atmosfera". As finais foram a doer! O público teve nota 10, com as claques muito entusiasmadas. Foi, sem dúvida, uma das iniciativas mais apreciadas pelos utentes e, como tal, é para repetir.

Gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que, de forma dedicada e delicada, se dedicam todos os dias, aos nossos utentes. O vosso abraço, o vosso sorriso, as vossas mãos, os vossos olhares, fazem pequenos milagres, todos os dias. Que melhor agradecimento?

Casa da Criança

"A alimentação das crianças reveste-se de grande importância, pois uma alimentação saudável durante a infância é essencial para permitir um crescimento e um desenvolvimento adequados."

A obesidade infantil, que cresce a um ritmo galopante devido à herança genética, à inatividade e à má alimentação, é um risco de saúde pública. Em Portugal, os dados apontam para uma prevalência de sobrepeso/obesidade infantil de 31,5%, sendo uma das prevalências mais elevadas a nível Europeu. A obesidade na infância tem um impacto significativo na saúde física e psicológica da criança. Além disso, vários estudos indicam que as crianças e os adolescentes obesos apresentam elevada probabilidade de se tornarem adultos obesos. Neste contexto, a única terapêutica é a prevenção, atitude determinante durante a infância, dada a estabilidade da obesidade infantil para a idade adulta, sendo os educadores preponderantes neste. As escolas são um ambiente ideal para prevenir a obesidade, uma vez que mais nenhuma instituição tem um contacto mais contínuo, longo e intensivo com as crianças nos seus primeiros anos de vida. Por outro lado, é nestas idades que as crianças estão mais vulneráveis, mais atentas e mais receptivas a novos hábitos, sendo excelentes mensageiros e ativistas dentro das suas famílias e das suas comunidades. Este tipo de intervenção permite não só alterar conhecimentos como comportamentos.

No início do ano lectivo 2010/2011, a Casa da Criança da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, iniciou um projecto que deu enfoque à educação alimentar de todas as crianças do centro e que se alargou por consequência aos seus familiares e aos colaboradores do mesmo. O objetivo foi o de alertar todos os envolvidos para a necessidade de conhecer os alimentos, fornecer informação básica sobre alimentação saudável da criança em idade pré-escolar; estimular a elaboração de materiais e o desenvolvimento de experiências, contribuir para uma alimentação saudável, equilibrada e adequada às necessidades da criança e principalmente aproveitar os recursos da instituição que de momento possui produção própria de legumes para ter contacto com todo o processo que envolve a produção dos mesmos. O contacto com os

Nutricionista sensibiliza os meninos para as boas práticas alimentaress

Crianças familiarizam-se com os produtos agrícolas

legumes onde estes são cultivados, com as pessoas responsáveis por semear, adubar, regar e colher estes alimentos, com os terrenos onde se cultivam, a possibilidade de os cheirar e apalpar foram experiências pelas quais as crianças passaram, que irão possibilitar uma maior aproximação à natureza e o que de bom esta tem para nos dar, criaram atitudes positivas face aos alimentos e à alimentação; encorajaram a aceitação da necessidade de uma alimentação saudável e diversificada; promoveram a compreensão da relação entre a alimentação e a saúde e o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis.

O envolvimento de todos foi um sucesso: as crianças mostraram ao longo do ano lectivo um crescente interesse numa alimentação mais saudável e foi interessante verificar o aumento de consumo por parte destes dos legumes e frutas, o querer conhecer novas texturas, sabores e cheiros, a elaboração de trabalhos sobre a educação alimentar, exposições com os próprios alimentos, a preparação de receitas saudáveis que possibilitaram às crianças aprenderem a cozinhar e a saborearem o que as próprias confeccionaram. O contributo de todos os colaboradores da Casa da Criança assim como da nutricionista da SCMVC, Dra. Daniela Vareiro neste projecto,

Algumas das crianças envolvidas na ação de sensibilização

foram essenciais para que o mesmo se tornasse num sucesso.

Apesar da alimentação preencher grande parte das actividades do ano lectivo, foram realizadas outra actividades também elas de extrema importância, que enriqueceram os conhecimentos das crianças e também dos colaboradores:

Celebrámos o Dia do Pai a 19 de Março com um lanche muito especial, e os nossos papás brincaram e divertiram-se bastante.

Visitámos nas Caxinas um artesão de barcos em miniatura e ficámos surpreendidos com a paciência que ele tinha para construir barcos tão pequeninos.

Porque o tema alimentação esteve presente em tudo o que fizemos, não poderíamos deixar de visitar uma padaria. Aprendemos a fazer o pão e ficámos a saber que o padeiro se levanta muito cedo para o termos na mesa ao pequeno-almoço.

E porque uma má alimentação, conduz-nos geralmente às doenças, fomos ter com o Enfermeiro Oliveira, para que este nos mostrasse o bloco operatório da SCMVC e nos explicasse como é que é possível ajudar a que as pessoas fiquem curadas.

Visita ao bloco operatório da SCMVC

Para festejar o final do ano lectivo, fomos saltar para o parque "Big Jump" em Braga, que tem uns insufláveis espectaculares. Pena foi o tempo não ajudar e saímos de lá um pouco molhados. Fica para a próxima.

Passámos um dia no quartel militar da Póvoa de Varzim e visitámos o festival dos jardins de Ponte de Lima.

No dia 1 de Junho, festejámos o Dia Mundial

da Criança com um piquenique no jardim da Casa da Criança. Sendo um dia especial, comemos algumas guloseimas e comemos um bolo muito gostoso.
Os nossos finalistas tiveram uma festa muito "agitada" com a Noite Latina. Dançamos muito e foi muito giro ver os nossos familiares a divertirem-se tanto com o que preparámos para eles.
Para terminar em grande, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde venceu o torneio de futebol salão em que participou. Estavam presentes várias entidades de Vila do Conde e nós fomos os CAMPEÕES.

Equipa vencedora no torneio das Entidades de Vila do Conde

Centro Social em Macieira

JANEIRO

Chegada dos Reis a Macieira

Que frio faz por aqui! Nada melhor que trabalhar para aquecer. Ainda no espírito de natal chega o dia de Reis, reis pequeninos, reis por um dia, não interessa, o importante é sentir que todos temos direito à realização pessoal desde que cada um contribua com o que tem de melhor dentro de si.
Fizemos globos de neve improvisados em frascos de compota com personagens engraçadas.

FEVEREIRO

Mês dos amores e paixões, de corações que batem mais rapidamente por alguém, num sentido mais abrangente aprender a dizer "Amo-te" a todos que nesta teia de afectos fazem parte das nossas vidas. Nisto os ingleses têm razão ao utilizar o termo "I love you" sem receio de serem ridículos.
Elaborámos fatiotas todas janotas como capas para os nossos trabalhos, participámos no concurso "Arte com alimentos saudáveis" em colaboração uma vez mais com o Departamento de nutrição onde as crianças foram incentivadas a construir a duas dimensões figuras engraçadas utilizando unicamente figuras de alimentos saudáveis.
Aprendemos a costurar belos bonecos de trapo e a confeccionar e deliciarmo-nos com "Cup Cakes".

Bonecos de trapo e cup-cakes

MARÇO

Comemorações de Carnaval

O Carnaval chegou, tarde, mas chegou pelo menos veio mais quentinho, animando mais esta estação que termina dando lugar à Primavera ou outra prima qualquer de sorrisos rasgados, passarinhos que cantam e encantam e o sol que mais alto sobe para nos iluminar.
Mês para celebrar o Pai e fazer-lhe um carinho bem especial, porque merece também.
Concretizámos o projecto "o retrato que todos devemos seguir" em que as crianças fizeram o retrato da Rainha D. Leonor, um ensaio sobre arte e sua representação e os 500 anos da Misericórdia.
Com tanta foto que vamos guardando construímos o mural "rede social de sorrisos amigos" pra relembrar velhos amigos.

ABRIL

Chegou a Páscoa, data de reflexão e avaliação de valores sobre a nossa identidade cristã e como seres humanos, mas também é momento de alegria e celebração, esperança e renovação.

Lanche de Páscoa na companhia do Senhor Provedor

Flores, taças feitas de chocolate para encher de doces coisas, coelhos saltitões foram o mote para uma quadra bem passada que culminou na festa da nossa instituição onde vários e muitos convidados nos orgulharam com a sua visita.

MAIO

Mãe e família, perfeita ligação para celebrar a vida e lembrarmos todos aqueles que perto ou longe estão presentes no nosso coração. O dia da família será o dia mais importante para muitas crianças, porque a presença de um familiar que vem partilhar da festa e das actividades com os seus pequenotes é bastante gratificante e orgulho para todos.
Fadas que lembram as mães sempre atarefadas e preocupadas com os "duendes" da floresta, desenhos das mães da família, peões coloridos de cd's e cápsulas de café, tudo se aproveita para criar e reutilizar.

JUNHO

Junho, chega o verão tão desejado, andamos mais leves, mais frescos e sempre prontos para a brincadeira. Há mais sorrisos no ar, as aulas a acabar, as festas populares, tudo é motivo para festejar. Dia mundial da criança, não que seja preciso lembrar porque elas são o motivo do nosso empenho, dedicação e carinho diário, mas serve para lembrar todos os outros que nada têm e aprender a dar valor ao amor que temos porque a vida é uma dádiva.
Sardinha assada, bailarico e balões coloridos que deixam todos alegres e eufóricos.

JULHO

Tudo começa e tudo acaba mas sempre com a esperança de novo reencontro. Mas nem por isso deixamos de ter que fazer, ensaios para a festa de final de ano lectivo, praia, mar e sol, passeios e brincar, brincar até não se poder mais.
Os avós também são lembrados neste mês com carinho. Cata-ventos coloridos para levarem bem longe os nossos sonhos e desejos, esculturas fantásticas feitas de papel de alumínio, perfeitos artistas, rãs saltitantes para uma corrida olímpica.
Em Rilhadas, no complexo turístico, as crianças tiveram um dia em cheio: paintball, tiro com arco, zarabatana, pontes Himalaias, piscina. Foi um dia bem passado e com vontade de repetir.

Rilhadas - Pontes Himalaias

AGOSTO

Agora sim, fechamos o ano em beleza, cremos com balanço positivo, mas sempre com vontade de melhorar porque só assim poderemos sentir sempre que chega o final do dia, de dever cumprido. Até para o ano que é já ao virar da esquina.

Centro Rainha Dona Leonor

Celebração do Novo Ano

O Centro Rainha D. Leonor comemorou a sua entrada, com um jantar convívio entre os residentes e música alusiva a esta noite tão especial. Os residentes jantaram e conviveram alegremente grande parte da noite.
O Dia dos Namorados – 14/02/2011, foi celebrado por todos os residentes com um almoço elaborado a rigor para o dia o que promoveu a boa disposição e jovialidade entre os residentes.

Sobremesa para o Dia dos Namorados

Celebração do Carnaval

Este ano o Carnaval foi comemorado com um almoço convívio e algumas partidas de Carnaval entre os nossos residentes.
Na Celebração do Dia do Pai e de São José – 19/03/2011, à semelhança do Dia da Mãe – 08/05/2011, as celebrações foram realizadas com um cantar de Parabéns a todas as mães e pais do nosso centro.

Na **Celebração da Páscoa** o centro Rainha D. Leonor, como vem sendo tradicional, promoveu uma Celebração Eucarística com a participação e colaboração dos seus residentes, Eucaristia celebrada pelo Sr. Padre Agostinho. Promoveu-se um almoço que, como habitual, contou com a presença de todos os nossos residentes e do nosso ilustre provedor, Exmo. Sr. Eng. Arlindo Maia, e outros ilustres convidados. A celebração foi animada e prolongou-se durante o inicio da tarde.

Celebração Eucaristica de Páscoa

Na **Celebração do São João** decorou-se o centro a rigor, com balões, fitas e manjericos com quadras populares, algumas delas elaboradas pelos nossos residentes. O jantar foi a tradicional sardinhada, ao qual se associou música alusiva à noite, deixando todos os residentes divertidos e brincalhões. Estas foram algumas das quadras elaboradas pelos nossos residentes:

Oh! Rico S. João
Temos um grande espaço
Meu Santo Rapioqueiro
Para o São João festejar
Não me tires a pensão
O solário e o terraço
Senão fico sem dinheiro
Dá para cantar e dançar

Chegou o São João
Vamos todos festejar
Lançamos o balão
E rimos sem parar

Este ano o **Passeio Anual** foi realizado a Monção, para visita da Vila histórica e Palácio da Brejoeira – 22/07/2011. O passeio decorreu de forma alegre e tranquila. Os residentes tiveram a oportunidade de conhecer a vila de Monção, com almoço em Monção e visita ao Palácio da Brejoeira, fazendo uma visita ao interior do Palácio e ao exterior, ficando assim a conhecermos todas as relíquias do Palácio, jardins e a vinha, para além da habitual prova de vinhos promovida na visita. Este era um passeio há muito desejado pelos nossos residentes e o qual deixou todos deliciados.

No **Dia dos Avós e da Amizade** voltámos a promover o intercâmbio geracional entre avós e netos, familiares ou amigos dos residentes, através de um lanche convívio, que contribui para a manutenção dos laços afectivos dos nossos residentes.

Registos do Passeio Anual do centro por terras de Monção